

REGIANE BARBOSA OLIVEIRA

Foi Golpe!

Uma análise das coberturas das manifestações contra e pró-*impeachment*
da ex-presidenta Dilma Rousseff pela *Folha de S. Paulo*

MARIANA-MG
2022

REGIANE BARBOSA OLIVEIRA

Foi Golpe!

Uma análise das coberturas das manifestações contra e pró-*impeachment*
da ex-presidenta Dilma Rousseff pela *Folha de S. Paulo*

Monografia apresentada ao curso Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Frederico de Mello Brandão Tavares

MARIANA-MG
2022

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

- O48f Oliveira, Regiane Barbosa.
Foi golpe uma análise das coberturas das manifestações contra e pró-impeachment da ex-presidenta Dilma Rousseff pela Folha de S. Paulo. [manuscrito] / Regiane Barbosa Oliveira. - 2022.
57 f.: il.: color., tab..
- Orientador: Prof. Dr. Frederico de Mello Brandão Tavares.
Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto.
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Jornalismo .
1. Rousseff, Dilma, 1947-. 2. Folha de S. Paulo. 3. Golpes de Estado. 4. Manifestações públicas. 5. Processos (Impedimentos). I. Tavares, Frederico de Mello Brandão. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 323.27(81)

Bibliotecário(a) Responsável: Essevalter De Sousa-Bibliotecário Coordenador
CBICSA/SISBIN/UFOP-CRB6a1407



FOLHA DE APROVAÇÃO

Regiane Barbosa Oliveira

Foi Golpe! Uma análise das coberturas das manifestações contra e pró-impeachment da ex-presidenta Dilma Rousseff pela *Folha de S. Paulo*

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Aprovada em 21 de junho de 2022.

Membros da banca

Prof. Dr. Frederico de Mello Brandão Tavares - Orientador (Universidade Federal de Ouro Preto)
Prof. Dr. Claudio Rodrigues Coração - (Universidade Federal de Ouro Preto)
Profa. Dra. Hila Bernadete Silva Rodrigues - (Universidade Federal de Ouro Preto)

Frederico de Mello Brandão Tavares, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 05/08/2022.



Documento assinado eletronicamente por **Frederico de Mello Brandao Tavares, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 05/08/2022, às 16:00, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0375222** e o código CRC **06E6F297**.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, a Jesus Misericordioso, a Maria Santíssima e ao Glorioso São José, pela força, coragem e fé que sempre me concederam e por terem sempre ouvido minhas orações.

À minha mãe, Rute e meu pai, José e toda a minha família pelo apoio e carinho durante a minha jornada acadêmica.

Às amigas de sempre e para sempre: Águeda, Eliane, Flávia, Lígia, Ludmila, Maria Luiza, Simone, Thábata e Thayane, pelo amor, companheirismo, amizade e compreensão.

Agradeço infinitamente ao meu orientador Fred Tavares, pelo carinho, dedicação, compreensão, paciência e pelos diversos momentos de aprendizagem e escuta durante todo o processo de escrita deste trabalho.

As amigas Hellen Perucci, Larissa Viana, Lívia Maria e Maria Gabriela Meireles, que a UFOP e os trabalhos com assessoria de comunicação me proporcionaram. Vocês fazem parte da minha conquista.

Agradeço também à equipe do Departamento de Comunicação da Prefeitura de Mariana, local onde pude vivenciar e colocar em prática tudo o que eu aprendi no curso de Jornalismo. Muito obrigada pelos dois anos de convivência e amizade.

Aos colegas das turmas 17.2 e 18.1, que sempre foram maravilhosos comigo, agradeço pelos bons momentos e aprendizados.

À UFOP e a todos os professores do Departamento de Jornalismo (DEJOR), que direta ou indiretamente, contribuíram para a realização do sonho de ser jornalista. Especialmente aos professores Cláudio Coração e Hila Rodrigues, pela leitura e avaliação da monografia.

Vocês foram e continuarão sendo luzes na minha vida. Agradeço de coração a cada um!

RESUMO

O presente estudo traz uma análise comparativa do enquadramento realizado nas coberturas jornalísticas produzidas pelo jornal *Folha de S. Paulo*, sobre as manifestações contra e pró-*impeachment* da ex-presidenta Dilma Rousseff, ocorridas nos dias 13 de março de 2015 e 13 de março de 2016. O recorte temporal, mesmo havendo outras manifestações contra e a favor do Golpe, se dá pelo fato de que as datas das manifestações coincidem, de um ano para outro. A pesquisa ainda analisa as edições publicadas dois dias depois aos atos, com o objetivo de verificar o comportamento do jornal acerca de cada manifestação. Foram reunidas, ao todo, seis edições no *corpus* desta pesquisa, observando o direcionamento dado pelo jornal, as manchetes, fotos, legendas, entre outros aspectos relevantes, buscando verificar, por meio da cobertura das manifestações mencionadas, como a *Folha* se posicionou e divulgou os atos para o público. Metodologicamente, além do conceito de enquadramento proposto por Lima (2004) e Porto (2001, 2004), a monografia se apropria de pesquisa utilizada pelo Laboratório de Pesquisa em Comunicação Política e Opinião Pública (DOXA) (2010), que indica se a notícia é positiva, negativa ou neutra. Diante das conclusões obtidas pela pesquisa, percebe-se que o conteúdo publicado pela *Folha* sobre os dois atos, comparativamente, apresentou uma discrepância, com desequilíbrio nas coberturas de uma manifestação para outra. As imagens, textos, manchetes, sentenciaram Dilma e o PT, perante o leitor, antes mesmo do fim do processo de *impeachment*.

PALAVRAS-CHAVES: *Impeachment*, *Folha de S. Paulo*, Manifestações, Golpe, Dilma Rousseff

ABSTRACT

The present study brings a comparative analysis of the framework carried out in the journalistic coverages produced by the “Folha de S. Paulo” newspaper on the protests against and pro-*impeachment* of the former president Dilma Rousseff, which took place on March 13th, 2015; and March 13th, 2016. The temporal cut, even with other protests against and in favor of the coup d’etat, is due to the fact that the dates of the protests coincide, from one year to another. The research also analyzes the editions published two days after the acts, with the objective of verifying the behavior of the newspaper regarding each demonstration. A total of six editions were gathered in the corpus of this research, observing the direction given by the newspaper, the headlines, pictures, captions, and other relevant aspects, looking to verify, through the coverage of the aforementioned protests, how the newspaper positioned itself and disseminated the acts to the public. Methodologically, in addition to the framing concept proposed by Lima (2004) and Porto (2001, 2004), this final thesis appropriates research used by the Research Laboratory in Political Communication and Public Opinion (DOXA) (2010), which indicates whether the news is positive, negative or neutral. In view of the conclusions obtained by the research, it can be seen that the content published by Folha in the two acts, comparatively, presented a discrepancy in coverage from one demonstration to another. The images, texts, headlines, sentenced Dilma and PT, before the reader, even before the end of the *impeachment* process.

KEY-WORDS: *Impeachment, Folha de S. Paulo, protests, coup, Dilma Rousseff*

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 - Capa da edição de 14/03/2015	36
Figura 02 - Capa da edição de 14/03/2016	36
Figura 03 - Editoria Poder edição de 14/03/2015	37
Figura 04 - Editoria Poder edição de 14/03/2016	38
Figura 05 - Capa da edição de 13/03/2016	41
Figura 06 - Capa da edição de 15/03/2016	41
Figura 07 - Capa da edição de 13/05/2015	42
Figura 08 - Capa da edição de 15/03/2015	42

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 - Mapa das Manifestações no Brasil	16
Quadro 02 - Enquadramento das manchetes sobre as manifestações	40
Quadro 03 - Enquadramento dos títulos internos	43
Quadro 04 - Fontes utilizadas na construção das notícias	45

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
Principais manifestações contra e a favor do <i>impeachment</i>	14
Questões metodológicas	17
CAPÍTULO 01 – Jornalismo e o papel da imprensa nas manifestações	20
1.1. Mídia e Democracia	21
1.2. Jornalismo, Democracia e Política	22
1.3. <i>A Folha de S. Paulo</i>	26
CAPÍTULO 02 - O Golpe e as movimentos sociais	29
2.1. Mídia e Manifestações Sociais	31
2.2. O conceito de enquadramento	33
CAPÍTULO 03 – Enquadramentos das principais manifestações pró e contra o impeachment	36
3.1. Enquadramento das manifestações	40
3.1.1. Títulos Internos	43
3.1.2. As fontes utilizadas na construção da notícia	44
3.1.3. Elementos Visuais	46
3.2. Discussão dos resultados	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	53

INTRODUÇÃO

Desde os meus 15 anos, sempre gostei, acompanhei e li notícias sobre Política. Fui para as ruas em campanhas eleitorais municipais, assim como em eleições federais. O espírito “politiqueiro” sempre esteve presente no meu cotidiano. Mas, a rua não me chamava atenção somente para pedir, virar voto ou mostrar que as propostas de um candidato eram melhores que as outras. Nas ruas, também fui reivindicar por melhorias e justiça. Em 2016, inclusive, por não aceitar um *impeachment* ilegítimo, por ser contra um governo que desde o início mostrou para que veio, fui às ruas. Anos depois, esse meu sentimento de injustiça concretizou-se em desdobramentos factuais e fundamentou-se em diversos acontecimentos¹.

Confesso que hoje, olhando para trás, depois de ter vivenciado, lido, ouvido tudo o que estava por trás do Golpe², me arrependo amargamente de ter ido às ruas nas chamadas “Jornadas de junho de 2013”, três anos antes. O *impeachment* começou ali, nas ruas. O que parecia ser o dever de todos – reivindicar o aumento da tarifa dos transportes públicos; pedir mais investimentos na educação e saúde; aderir a diversas e diferentes frentes de luta; acreditar que com as nossas vozes, seríamos ouvidos e conquistaríamos aquilo que tanto desejávamos –, seria um agendamento para um dos piores cenários políticos que viveríamos tempos depois.

Houve um momento, em junho de 2013, que parecia que todos estavam unidos por somente um propósito. Não imaginava que a esquerda se fragmentaria ali, dando ascensão à direita (CEI, 2017; TELLES, 2015a). Diante daquele mês que nos assombra até hoje, não nasceu somente uma crise desencadeada, mas a ascensão de novos grupos sociais, de viés reacionário e grande visibilidade (CEI, 2017).

Com grande repercussão midiática, as “Jornadas de junho de 2013” tiveram adesão popular no Brasil inteiro. Tv's, jornais, redes sociais, divulgavam as manifestações como se

¹ “A comissão do *impeachment* recebeu o resultado da perícia nos documentos do processo. Os técnicos concluíram que as chamadas pedaladas fiscais não tiveram a participação da presidente afastada, mas foram ilegais, e que os decretos suplementares foram resultado de ação direta de Dilma Rousseff. [...] Sobre as chamadas pedaladas fiscais, a perícia constatou que as operações foram ilegais. O laudo afirma que “os atrasos nos pagamentos devidos ao Banco do Brasil constituem operação de crédito, tendo a União como devedora, o que afronta o artigo 36 da Lei de Responsabilidade Fiscal”. Ver: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2016/06/pericia-conclui-que-dilma-nao-participou-de-pedaladas-fiscais.html>

² A presente monografia problematiza e analisa o *impeachment* da ex-presidenta Dilma Rousseff compreendendo as marcas políticas e os desdobramentos históricos deste processo. Nesse sentido, a noção de Golpe será utilizada a partir de fundamentações (pesquisas e estudos) que se dedicaram à nomeação e caracterização do processo, sendo tais interpretações centrais para a análise da cobertura jornalística realizada pela *Folha de S. Paulo*, que compõem o *corpus* observado. Segundo Luis Felipe Miguel (2016a, p. 31), o Golpe de 2016 marca uma fratura irremediável no experimento democrático iniciado no Brasil de 1985 [...] A derrubada da presidente Dilma, mediante a processo ilegal, sinalizou o que tais institutos deixaram de operar e, por consequência, o sistema político em vigor no país não pode mais receber o título de “democracia” - mesmo na compreensão menos exigente da palavra”.

fossem o caderno de classificados (ALVES et. al., 2018). A ação ocupou, por dias, as primeiras páginas de todos os jornais.

Enquanto em 2013 a união dos manifestantes foi em prol de um (pretensão) único objetivo – reivindicar e conquistar direitos –, em 2015, a agenda de discussão das primeiras manifestações contra a presidenta Dilma Rousseff era diferente. Naquele ano, assistiu-se a grandes manifestações por todo o país. Após uma disputa presidencial acirrada, em 2014, Dilma Rousseff foi reeleita como presidenta do Brasil. Convocados pela classe política e figuras públicas (de representação institucional – caso da mídia, por exemplo), brasileiros e brasileiras foram às ruas contra a presidenta eleita e contra o resultado eleitoral, numa espécie de insatisfação antidemocrática, de tom odioso e pauta pouco fundamentada.

Em dezembro de 2015, quando o então presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha (PMDB-RJ), abriu o processo de *impeachment* contra Dilma, alegando crime de responsabilidade contra à Lei Orçamentária e à Lei de Improbidade Administrativa (popularmente conhecidas como “pedaladas fiscais”), várias outras manifestações ocorreram no país, tanto contra, quanto a favor. Muitas pessoas das capitais e de municípios brasileiros, foram às ruas para mostrar qual deveria ser o futuro do país.

Neste momento, como já relatei, eu estava nas ruas novamente, para reivindicar contra o que já podia ser lido como um Golpe de Estado, para tentar entender o que a oligarquia política queria fazer, mais uma vez, com o país, assim como para lutar contra um retrocesso que seria o *impeachment*. Foram meses em que acompanhei as páginas dos principais jornais nacionais, carregando a sensação de que se divulgava ali, algo premeditado, arquitetado.

Como se sabe, o que é divulgado pela mídia, interfere bastante nas tomadas de decisões a respeito de diversos assuntos, orientando a opinião pública. Muitos ao meu redor discutiam sobre a inocência de Dilma ou se os crimes dos quais ela estava sendo acusada seriam motivo para a abertura de um processo de *impeachment*. O Brasil precisava avançar, mas, impedir uma presidenta de continuar governando seria o mais prudente naquele momento? Essas eram dúvidas que pairavam sobre a cabeça de muitos que, assim como eu, procuraram pelas respostas nas páginas dos jornais e nos noticiários de grande repercussão. Mas, o que deveria ser divulgado com imparcialidade parecia evidenciar um desequilíbrio jornalístico. Era explícito, na maior parte das vezes, de qual lado a mídia decidira ficar. O que foi apontado, posteriormente, por pesquisas e análises (MARQUES; MONT'ALVERNE; MITOZO, 2018).

O que eu vivia e via nas ruas era diferente do que estava sendo noticiado. Diversas manifestações contra e a favor do Golpe em 2016 ocorreram, umas com o público maior, outras com menor. Mas, muitos que, assim como eu, amarraram os cadarços e foram para as ruas,

soltando o grito da garganta de “Fora Temer”, com cartazes contra um governo ilegítimo, não viam os jornais como porta-vozes do “sofrimento do país”.

A conjuntura social e política brasileira se modificou muito, principalmente, depois de 2013, após as Jornadas de Junho, que ocasionaram uma mudança no pensamento e no ideário social. Os acontecimentos de 2013 a 2018, de certa forma, parecem uma linha reta de fatos que sucedem aos outros, culminando na vitória de Jair Bolsonaro nas urnas, na fragmentação da esquerda e na ascensão da extrema-direita no Brasil.

Desde então, há uma sucessão de “e se”, que trago na mente e que faz parte dos meus sonhos de um país melhor, de igualdade, de saúde e educação de qualidade para todos.

Os jornais impressos possuem grande importância para a história da comunicação, assim como para a construção da sociedade. O jornal reafirma, cotidianamente, um campo de atuação: na sua função de informação, validação e de reflexão crítica sobre os acontecimentos, o que se dá tanto pelos veículos, quanto pelos leitores, que projetam a leitura a partir das abordagens dos fatos descritos pelos jornais.

Sempre me interessei e li jornais. As leituras diárias me fazem conectar com diversos conteúdos, visões e formas de escrever diferentes, permitindo-me posicionar ativamente e abrir questionamentos diante de uma determinada situação.

Apesar do advento de novas tecnologias digitais, o que faz com que a notícia chegue mais rápido ao consumidor via novos veículos e suportes, o jornal impresso ainda conserva uma pluralidade de assuntos, temas e destaques que refletem diversos segmentos de interesse da sociedade. Sua matriz ainda orienta a produção noticiosa.

Dado esse cenário, essa pesquisa toma a *Folha de S. Paulo* como *corpus* analítico, buscando compreender qual a construção noticiosa e o enquadramento, adotados pelo periódico, na cobertura das manifestações contra e a favor do *impeachment* da ex-presidenta Dilma Rousseff. Essa escolha se dá pelo fato de a *Folha* ser um dos principais veículos jornalísticos brasileiros, possuindo uma das maiores tiragens e circulação entre os diários nacionais de interesse geral. Analisar o que foi divulgado pelo Jornal durante as manifestações é de grande relevância, o que ajuda a pensar, por outros vieses e, a partir desta e de outras pesquisas, entender qual foi o posicionamento desse veículo de imprensa diante do próprio governo Dilma.

A forma como todo o contexto foi divulgado culminou com o Partido dos Trabalhadores (PT) desfigurado perante a sociedade, contribuindo para a atualização de uma ideia – histórica – de antipetismo (AZEVEDO, 2016; SOUZA, 2016b; TELLES 2015b, 2016). O partido, desde a época da cobertura midiática sobre o chamado “Mensalão”, durante o primeiro mandato do

ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, bem como a partir das jornadas de junho de 2013, recebeu uma cobertura negativa da imprensa, comparando-se com o que foi veiculado sobre partidos de direita.

Após ir às ruas e participar das manifestações contra o Golpe, ao ler as páginas dos jornais, deparei-me com notícias desequilibradas, com angulações diferentes, fazendo um caminho tendencioso ao noticiar os acontecimentos daquela época. Comparativamente, as manchetes e imagens refletiam o posicionamento dos veículos de comunicação acerca do *impeachment*. Ao observar o que era veiculado sobre as manifestações contrárias ao impedimento e de que forma a notícia era levada aos leitores, percebia que o espaço destinado, assim como a maneira de construir a notícia, se dava de forma reduzida e não muito abrangente.

Diante disso, tendo em vista a experiência histórica e pessoal, este trabalho visa fazer uma análise da forma como as manifestações contra e pró-*impeachment*, ocorridas no mês de março dos anos de 2015 e 2016, foram enquadradas pela *Folha de S. Paulo*. O motivo da escolha do mês de março, mesmo havendo outras manifestações contra e favor ao Golpe, se deu pelo fato de que as datas das manifestações coincidem, de um ano para outro, sendo a manifestação a favor de Dilma ocorrida em 13 de março de 2015 e contra ela, no dia 13 de março de 2016. A pesquisa ainda analisa as edições publicadas dois dias depois aos atos, com o objetivo de verificar o comportamento do Jornal acerca de cada manifestação, a partir dos desdobramentos noticiosos.

Principais manifestações contra e a favor do *impeachment*

As jornadas de junho de 2013 foram, em um primeiro momento, uma ocasião propícia para que brasileiros e brasileiras pudessem ir às ruas reivindicar por direitos e se posicionar contra ou a favor das ações realizadas pelos políticos. Naquele ano, grupos como *Movimento Brasil Livre* (MBL) e o *Vem Pra Rua* (VPR) ganharam notoriedade por convocar manifestações por diversas partes do Brasil, por meio de redes sociais. Em 2014, ano de eleição no Brasil, foi instaurado um grande debate acerca dos gastos do governo Dilma, com a Copa do Mundo sediada no país. Vários protestos articulados na internet resultaram, novamente, com o retorno dos manifestantes às ruas.

Em 2015 e 2016, esses mesmos grupos participaram da organização de novas manifestações, desta vez, pelo *impeachment* de Dilma Rousseff contra o PT e a favor da chamada “Operação Lava Jato”. Após a vitória de Dilma Rousseff, que assumia novamente o comando do país, as manifestações populares não se estagnaram, mas seguiram com um

objetivo diferente dos anteriores. O foco desta vez estava no combate à corrupção no Brasil. A “Operação Lava-Jato”³, com foco na Petrobrás, deflagrada pela Polícia Federal, em 17 de março de 2014, contou com 80 fases operacionais e mobilizou, além da Polícia Federal, o Ministério Público, Tribunais Estaduais e Federais, fazendo com que a atenção da imprensa e dos brasileiros se voltasse para o assunto. A investigação julgou e condenou agentes de empresas privadas e atores políticos, ligados ao Partido dos Trabalhadores (PT), assim como de outros partidos políticos.

Durante os meses de março e abril de 2015, cidadãos descontentes com a reeleição de Rousseff, foram às ruas manifestar-se contra o resultado das urnas em vários estados brasileiros. As mais importantes, pelo número de cidades engajadas e pessoas reunidas, ocorreram nos dias 15 de março, 12 de abril, 16 de agosto e 13 de dezembro de 2015.

No entanto, o ato do dia 15 de março chama a atenção pelo número de pessoas presentes. De acordo com o mapa das manifestações do Portal G1⁴, a estimativa total, segundo contagem da Polícia Militar, foi de 2,4 milhões de manifestantes, que foram às ruas em várias capitais e municípios do Brasil. Os organizadores estimam cerca de 3,0 milhões de pessoas participantes.

Concomitante às manifestações contra o governo Dilma, ocorriam também os atos a favor da presidenta legitimamente eleita. Os dias 13 de março; 07 e 15 de abril; 20 de agosto; e 16 de dezembro de 2015, foram marcados por mobilizações nacionais. De acordo com o G1, o ato com o maior número de pessoas foi o do dia 16 de dezembro. Conforme a estimativa da Polícia Militar, estiveram reunidas cerca de 98 mil pessoas em todos os cantos do Brasil, já os organizadores estimam 292 mil pessoas.

A tabela a seguir mostra o mapa das principais manifestações que ocorreram no Brasil, durante os anos de 2015 e 2016, favoráveis ou não ao *impeachment* da ex-presidenta, conforme

³A “Operação Lava Jato”, investigação brasileira de corrupção e lavagem de dinheiro, exemplifica um recente caso envolvendo corporações e práticas corruptivas. As investigações iniciadas em março em 2014 têm como objetivo apurar crimes financeiros e desvio de recursos públicos. Nas primeiras fases da investigação, descobriu-se que alguns doleiros atuavam no mercado clandestino de câmbio no Brasil realizando movimentações financeiras e lavagem de dinheiro de pessoas e empresas envolvidas com tráfico internacional de drogas, corrupção de agentes públicos, sonegação fiscal, evasão de divisas, extração e contrabando de pedras preciosas, desvio de recursos públicos e outros. Com o avanço das investigações, os doleiros também foram acusados de repassar propinas decorrentes de contratos feitos sob licitações fraudulentas. Tais contratos foram realizados entre empreiteiras e a estatal Petrobras (Ver: <https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/desenvolve/article/view/4664/pdf>). Em 2019, o site jornalístico *The Intercept* revelou mensagens do aplicativo Telegram, trocadas entre os agentes institucionais envolvidos na “Operação”. Tal revelação deu início a um processo chamado “Vaza Jato”, que acabou por demonstrar meios escusos pelos quais a Operação se deu, invalidando-a juridicamente e levando ao cancelamento de muitos processos penais dela advindos. Ver: <https://theintercept.com/series/mensagens-lava-jato/>

⁴ Ver: <http://especiais.g1.globo.com/politica/mapa-manifestacoes-no-brasil/todos/>

dados oficiais divulgados.

Quadro 01 – Mapa das manifestações no Brasil

Data	Público (Estimativa total da Polícia Militar)	Ato
13/03/2015	33 mil	Pró-Dilma
15/03/2015	2,4 M	Contra- Dilma
07/04/2015	6 mil	Pró-Dilma
12/04/2015	701 mil	Contra Dilma
15/04/2015	32 mil	Pró-Dilma
16/08/2015	879 mil	Contra Dilma
20/08/2015	73 mil	Pró-Dilma
13/12/2015	83 mil	Contra Dilma
16/12/2015	98 mil	Pró-Dilma
13/03/2016	7 mil	Pró-Dilma
13/03/2016	3.6 M	Contra Dilma
18/03/2016	5 mil	Contra Dilma
31/03/2016	159 mil	Pró-Dilma
17/04/2016	318 mil	Contra Dilma
17/04/2016	126 mil	Pró-Dilma
10/06/2016	37 mil	Contra Temer
31/07/2016	44 mil	Contra Dilma

Fonte: elaboração da autora

No ano do *impeachment* de Dilma Rousseff, as manifestações contra e a favor continuaram. Foram registradas manifestações organizadas e promovidas pelos grupos pró-*impeachment*: 13 e 18 de março; 17 de abril; 09 e 11 de maio; 31 de julho; e 31 de agosto. A principal delas, realizada no dia 13 de março, chegou a reunir cerca de 3,6 milhões de pessoas, segundo a Polícia Militar e, conforme os organizadores, 6,9 milhões de pessoas. Já as manifestações contra o Golpe, ocorreram por algumas vezes, simultaneamente, com as favoráveis ao *impeachment*. De acordo com o mapa das manifestações, a maior delas foi no dia 31 de março de 2016, reunindo, aproximadamente, 159 mil manifestantes, em cerca de 75

capitais e municípios do país, segundo a Polícia Militar, e 824 mil pessoas, conforme os organizadores.

A partir disso, é necessário problematizar o papel, a relação, bem como a importância do jornalismo e da imprensa, na cobertura sobre manifestações. Apresenta-se a seguir, os eixos metodológicos do estudo aqui realizado.

Diante da constatação de uma cobertura enviesada, desenvolvida pelos veículos de comunicação nacionais, optou-se por estudar de que maneira a *Folha de S. Paulo*, objeto escolhido pela pesquisa, desenvolveu sua narrativa acerca das manifestações pró e contra o *impeachment*.

Questões metodológicas

Para a análise, foram reunidas, ao todo, seis edições da *Folha de S. Paulo* no *corpus* desta pesquisa, observando-se os números de público divulgados, assim como o direcionamento dado pelo Jornal, manchetes, fotos, legendas, entre outros aspectos relevantes.

Será usado como metodologia, além do conceito de enquadramento (LIMA, 2004; PORTO, 2001, 2004), a pesquisa utilizada pelo Laboratório de Pesquisa em Comunicação Política e Opinião Pública (DOXA)⁵, que indica se a notícia é positiva, negativa ou neutra (2010). O espaço foi criado em 1996, no Iuperj/Ucam, para investigar os processos eleitorais e de formação da opinião política.

De acordo com o site da Instituição, o Doxa possui o maior acervo audiovisual de propagandas e jornalismo políticos, com coleções de programas eleitorais e partidários, telejornais, clippings e documentários. Todo o acervo serve de base para pesquisas científicas em várias instituições, no Brasil e no exterior.

Em 2010, o Laboratório foi transferido para o Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IESP/UERJ). Criado e coordenado pelo professor Marcus Figueiredo, o Laboratório tornou-se uma referência para a pesquisa em comunicação política no Brasil, produzindo teses, dissertações, publicações e análises dentro dos vários subtemas que o assunto comporta, como propaganda eleitoral, jornalismo político, recepção e atitude política, comportamento eleitoral e outros.

De acordo com o DOXA, a notícia é positiva, negativa ou neutra. Caracteriza-se cada valência como:

⁵ Ver: <http://doxa.iesp.uerj.br/#>

Positiva: matéria sobre ou com o candidato reproduzindo programa de governo; promessas; declarações do candidato ou do autor da matéria ou de terceiros (pessoas ou entidades) favoráveis (contendo avaliação de ordem moral, política ou pessoal) ao candidato; reprodução de ataques do candidato a concorrentes, resultados de pesquisas ou comentários favoráveis.

Negativa: matéria reproduzindo ressalvas, críticas ou ataques (contendo avaliação de ordem moral, política ou pessoal) do autor da matéria, de candidatos concorrentes ou de terceiros a algum candidato, resultados de pesquisas ou comentários desfavoráveis.

Neutra: agenda do candidato, matéria sobre ou citação de candidato sem avaliação moral, política ou pessoal do candidato. Do autor da matéria ou de terceiros, inclusive de concorrentes.

Algumas dissertações e teses utilizadas como fonte de pesquisa para este trabalho, trouxeram aspectos que corroboram com a discussão que será feita. Autoras como Lais Cristine Ferreira Cardoso (2017), Talita Lucarelli Moreira (2016), Tatiana Cavalcanti de Albuquerque Leal (2017), Mayra Regina Coimbra (2018) também pesquisaram sobre manifestações e movimentos sociais; Teoria do enquadramento; o poder da mídia em agendar e influenciar determinados assuntos; assim como o contexto histórico das manifestações a favor e contra o *impeachment*.

A metodologia escolhida tem por objetivo, verificar o enquadramento e as valências (positiva, negativa e neutra) das publicações feitas pela *Folha*, no período selecionado, a fim de verificar o posicionamento do periódico acerca das manifestações contra e pró-*impeachment*. As dissertações consultadas, apresentadas acima, também contribuíram com o estudo e aprimoramento da pesquisa, visto que as autoras estudaram o discurso midiático apresentado em jornais e análise de cobertura dos mesmos, além de trazer contribuições sobre movimentos e manifestações sociais que ocorreram no Brasil, de 2013 até o ano do *impeachment*.

Além das manifestações escolhidas para serem analisadas por essa pesquisa, fez-se necessário, também, verificar o contexto histórico dessas ações, as quais tiveram um mote, a partir de junho de 2013, e foram realizadas em outras datas nos anos de 2015 e 2016.

A pesquisa se divide em três capítulos. No primeiro, será abordado o papel da imprensa nas manifestações, sendo subdividido em tópicos que trazem aspectos sobre mídia, democracia, jornalismo e política, além de um breve histórico sobre a *Folha de S. Paulo*, objeto deste estudo, bem como seu papel político.

No capítulo dois, discorre-se sobre o Golpe e as manifestações sociais, que têm o objetivo de contribuir, ao longo do tempo, na organização e conscientização da sociedade, propondo e lutando por melhorias para todos, a partir de mobilizações. Neste capítulo, também será abordado o conceito de enquadramento proposto por Mauro Porto (2004) e Venício Lima (2004).

No terceiro capítulo, será apresentada a análise da pesquisa, que traz as capas, títulos, fotos, legendas, aspectos visuais das edições selecionadas da *Folha de S. Paulo*, sobre a cobertura das manifestações contra e a favor do *impeachment* de Dilma Rousseff, em março de 2015 e 2016, para compor o estudo.

Por fim, objetiva-se, a partir das perspectivas teóricas que serão apresentadas, além das análises realizadas, verificar se a *Folha* abordou as manifestações de maneira tendenciosa, visando legitimar o discurso dos protestos a favor do *impeachment* e se houve desequilíbrio na cobertura do periódico.

CAPÍTULO 01 – Jornalismo e o papel da imprensa nas manifestações

O jornalismo, de uma maneira geral, trabalha a fim de ser umas das fontes de conhecimento das pessoas, as quais consomem o material produzido pelos veículos de imprensa, seja ele audiovisual, sonoro ou textual. Com isso, de acordo com a forma como é veiculado, pode-se fundamentar as opiniões e julgamentos da sociedade acerca do que foi produzido para ser divulgado, atingindo-se, assim, públicos em larga escala. Os veículos de comunicação não apenas divulgam os fatos ocorridos na nossa sociedade. Segundo Daniela Zanetti (2019), “os modos como os assuntos são agendados e abordados estabelecem distintos parâmetros de leitura e interpretação, evocando determinados discursos em detrimento de outros” (2019, p. 194).

A mídia brasileira exerceu um importante papel em todo o processo de *impeachment* de Dilma Rousseff. Zanetti (2019) lembra que, para compreender o papel da mídia no processo noticioso que retirou a ex-presidente do poder, é preciso entender que “os fenômenos associados ao modo como a mídia hegemônica brasileira tem tratado os governos do PT, desde 2003, quando Lula assumiu o cargo de presidente da República pela primeira vez” (2019, p.184)⁶.

Segundo Mauro Porto (2004), quando se discute ou se estuda o papel da mídia na Política, um paradigma tende a predominar entre acadêmicos, jornalistas e o público em geral.

Para bem servir a democracia, segundo este enfoque tradicional, a mídia deve transmitir informações de forma objetiva e imparcial para a audiência. A partir deste ponto de vista, a crítica do papel político da mídia se restringe geralmente a ressaltar a falta de objetividade ou a imparcialidade das mensagens. Implícita, neste paradigma, está a visão de que, ao tratar de temas políticos, a mídia deve impedir que valores e ideologias (principalmente dos proprietários e jornalistas) interfiram no relato dos “fatos” (a noção de objetividade) ou evitar que os meios de comunicação favoreçam um grupo, partido ou candidato (a noção de imparcialidade) (PORTO, 2004, p.75).

As manifestações de rua contra e a favor do *impeachment*, durante os anos de 2015 e 2016, bem como o impacto nos aspectos sociais, políticos e econômicos daquela época, renderam diversas pautas, tanto para os jornais nacionais, quanto para os internacionais. No entanto, a cobertura entre os países era de forma diferente.

Para Jessé de Souza (2016a), os veículos de comunicação exerceram um importante papel para o *impeachment* de Rousseff, elaborando a narrativa de combate à corrupção, o que serviu de base para as manifestações favoráveis ao Golpe.

⁶ Sobre a relação mídia e *impeachment* da ex-presidenta Dilma Rousseff ver também Alves et. al. (2018).

Diante da capacidade de análise e crítica do conteúdo que é lido nos jornais, é evidente o poder que a imprensa possui acerca do agendamento do debate político. Seus discursos e narrativas sobre certos fatos, tornam-se fatores importantes nas conversas dos leitores e na discussão pública.

As manifestações populares são de suma importância enquanto espaço de luta política e de reivindicações. A cobertura dos protestos, por parte dos veículos de imprensa, desempenha um importante papel na legitimação dos fatos e na mediação social. Com isso, o papel do jornalismo acerca das coberturas das pautas que são trazidas das ruas, se faz como um importante exercício para formação de opinião e tomada de decisões do grande público.

1.1. Mídia e Democracia

A mídia elabora certos conceitos por meio do seu Discurso. Desta forma, o discurso jornalístico possui um papel relevante no que tange, ao narrar o conteúdo a ser divulgado, ou seja, a notícia, assim como tenta alcançar a objetividade e a imparcialidade, cumprindo, assim, sua função informativa (REGINATO, 2019).

Os meios de comunicação possuem uma grande influência na definição dos temas, assuntos, que são abordados em meio à sociedade. A partir disso, a mídia, é identificada como quarto poder, que segundo Carla Rizzotto (2012), “estaria representando os interesses do restante da sociedade, ou seja, o papel da imprensa seria tornar público temas antes só restritos ao Parlamento” (2012, p 112). Sendo assim, o papel da mídia é de extrema importância, pois é a partir dela que as informações são divulgadas, como também questionadas e utilizadas para definir e formar opiniões, convicções e partidos.

A mídia (ainda) é o principal instrumento institucional para que cidadãos mais comuns estabeleçam contato com a elite política. Com isso, atua como protagonista na sociedade na qual vivemos, pois ela tem destaque importante na produção da agenda pública. Ela atua também na difusão das perspectivas do mundo, assim como de projetos políticos. Segundo Luis Felipe Miguel (2002), a mídia pode ser considerada como local em que estão expostas as diversas representações do mundo social, associadas aos diversos grupos e interesses presentes na sociedade.

O autor também problematiza que os discursos veiculados pela mídia não esgotam a pluralidade de perspectivas e interesses presentes na sociedade, ou seja, nem todos os fatos são descritos da maneira como que ocorrem, há sempre um jogo de interesses por trás do que chega de fato ao espectador.

As vozes que se fazem ouvir na mídia são representantes das vozes da sociedade, mas esta representação possui um viés. O resultado é que os meios de comunicação reproduzem mal a diversidade social, o que acarreta consequências significativas para o exercício da democracia (MIGUEL, 2002, 163).

Nesse sentido, entende-se que a mídia determina quais assuntos serão dominantes na opinião pública. Diante disso, Ricardo Barroso (2015) afirma que a mídia constitui um elemento decisivo em uma sociedade democrática.

O funcionamento dos meios de comunicação de massa, sob a pauta exclusiva dos interesses econômicos, ceifa da sociedade o acesso à informação, impede que fatos importantes sejam levados ao conhecimento público da forma mais próxima aos fatos possível, assim como inibe a compreensão do mundo e a consequente participação popular nas grandes questões e dos efeitos das decisões que afetam a sociedade (BARROSO, 2015, p. 107).

A mídia possui a capacidade de formular as preocupações existentes na sociedade. Segundo Miguel (2002), a definição da agenda imposta pela mídia possui um grande impacto não somente para o cidadão comum, que entende que as questões destacadas pelos meios de comunicação possuem um grau de relevância que deve ser refletido, mas impacta, também, no comportamento de líderes políticos, assim como de funcionários públicos que, na prática, são obrigados a se posicionar acerca do que foi veiculado.

1.2. Jornalismo, Democracia e Política

Em março de 2016 – o ano do Golpe –, o mais recente período democrático brasileiro completou 30 anos, com avanços considerados significativos como, por exemplo, a eleição direta, liberdade de expressão e manifestação, constituição de vários partidos políticos, representação de todos os estados no Congresso Nacional, entre outros.

No Brasil, desde a Constituição Federal de 1988, estabelece-se que todos os cidadãos são iguais perante a Lei e todos devem ter igual acesso aos processos legislativos: a cidadania é garantia para todos os indivíduos, a partir de seu nascimento, e o voto passa a ser direito de todos os cidadãos maiores de 18 anos, independente de classe social, gênero, faixa etária e escolarização.

A relação entre Jornalismo e Política possui aspectos importantes para serem estudados. A Política é uma ação de interesse público, na qual todas as tomadas de decisões realizadas pelos representantes eleitos por todos nós, influenciam diretamente no nosso cotidiano e, dessa forma, o tema é tão necessário para o jornalismo. Este, de certa forma, é o campo no qual os

atos políticos se legitimam como uma espécie de mensageiro que transmite ao povo as decisões sobre o rumo do país. Diante disso, Laís Cardoso (2017), ressalta que:

Esses segmentos se retroalimentam, formando um ciclo de ações e reações, no qual a política se fortalece ou se fragiliza perante a opinião pública a partir da leitura que a mídia faz sobre suas ações, bem como os veículos de comunicação necessitam noticiar as ações do campo político para permanecer em seu lugar de espaço a serviço do bem comum, conforme a autocompreensão normativa assumida publicamente pelos veículos de comunicação e pressuposta pela sociedade (CARDOSO, 2017, p.54).

Conforme a obra “Imprensa e Poder”, escrita por Luiz Gonzaga Motta (2002), desde a descoberta e o desenvolvimento da Imprensa, a luta pelo poder é uma das características fundamentais da Política. De acordo com Cardoso (2017), existe uma grande luta ideológica e discursiva para alcançar o poder, na qual os competidores têm como principal meio a disseminação de ideias e a conquista da população por meio do convencimento. Motta (2002), aponta que:

Desde que Johann Gutemberg, em 1440, inventou a tipografia e permitiu a impressão em massa, a imprensa vem sendo utilizada pelo poder. A invenção da imprensa, de fato, coincide com a criação das nações e do Estado moderno e com o exercício do poder não apenas de forma coercitiva, pelo uso da força, mas por meio de formas mais sutis de coerção e de persuasão. 55 A partir daí a imprensa sempre esteve ligada à luta política (MOTTA, 2002, p.13-14).

Em uma Democracia, um dos princípios básicos e primordiais das pessoas está na participação no processo de escolha daqueles que irão ser seus representantes, lutar a favor dos direitos e buscar sempre por melhores condições de vida. Essa escolha se dá mediante o voto, que é a principal característica da democracia representativa, considerada, de acordo com alguns especialistas, como democracia indireta, tendo em vista que o poder político do povo é delegado a seus representantes.

De acordo com Noberto Bobbio (1997), é com a democracia que os indivíduos se apropriam da liberdade política por meio da representação política, exercida através do sistema eleitoral, ou seja, é eleito aquele que possui a maioria dos votos, o qual será o representante do povo por um período determinado.

A expressão "democracia representativa" significa genericamente que as deliberações coletivas, isto é, as deliberações que dizem respeito à coletividade inteira, são tomadas não diretamente por aqueles que dela fazem parte, mas por pessoas eleitas para esta finalidade (BOBBIO, 1997, p. 44).

O jornalismo no Brasil, nas últimas duas décadas, tem estado envolto nas contradições do processo de consolidação da democracia política representativa e do efeito da entrada do país no mercado livre mundial. No século XIX, aconteceu a Revolução Industrial. Com isso, as cidades foram urbanizadas, principalmente, pelas pessoas que vinham do campo à procura de melhores condições de vida. No jornalismo, esse mesmo período foi marcado pelo impacto tecnológico que daria origem ao primeiro meio de comunicação de massa (*Mass Media*), ou seja, a imprensa. As técnicas de impressões utilizadas naquela época, possibilitaram o aumento da quantidade de tiragens de jornais, assim como o uso de ilustrações e fotografias nos jornais, aprimorando assim, a divulgação dos conteúdos trazidos nas publicações.

Os meios de comunicação de massa, de acordo com Chauí (2006), vinculados a recursos financeiros, reduzem a informação a algo que não possui tanta relevância para a opinião pública e contribui para sua destruição. Para a autora, é possível perceber três deslocamentos da prática da opinião pública, sendo eles:

[...] a substituição da ideia de uso público da razão para exprimir interesses de cada indivíduo; o direito de opinar em público, fazendo surgir a expressão “formador de opinião”, aplicada a intelectuais, artistas e jornalistas e a formação de oligopólios midiáticos globalizados, como forma de ocupação do espaço da opinião pública pelos profissionais do meio de comunicação (CHAUI, 2006, p.11-12).

Os conceitos de deslocamento trazidos pela autora acabam por deixar de lado, ou até mesmo diminuir, o espaço em que o público, em geral, tem para se manifestar. Desse modo, as coberturas jornalísticas que são realizadas não dão abertura para a fala, para opinião da população, dando espaço, em muitos casos, a conteúdos como comunicados oficiais, estatísticas, entre outros.

[...] os meios de comunicação tradicionais (jornal, rádio, cinema, televisão) sempre foram propriedade privada de indivíduos e grupos, não podendo deixar de exprimir seus interesses particulares ou privados, ainda que isso sempre tenha imposto problemas e limitações à liberdade de expressão, que fundamenta a ideia de opinião pública (CHAUI 2006, p.13).

Luis Felipe Miguel (2002) corrobora que as grandes empresas prestadoras de serviços midiáticos são, na maioria das vezes, dependentes de outras empresas, que financiam anúncios e ajudam a manter os veículos de pé. “O mercado da mídia está cada vez mais concentrado (e internacionalizado). As empresas que dominam têm um peso crescente na economia como um todo” (MIGUEL, 2002, p. 164).

Outro autor que corrobora com o assunto é Perseu Abramo (2016). O pesquisador ressalta que não é todo conteúdo que a mídia divulga que possui manipulação: “o fenômeno

seria autodesmistificador e autodestruidor por si mesmo, e sua importância seria extremamente reduzida ou quase insignificante” (ABRAMO, 2016, p.39).

Ainda de acordo com Abramo (2016), a imprensa, ao divulgar a notícia, não reflete a realidade que deveria ser expressa no conteúdo que chega ao leitor. Ele acredita que essa relação seja tomada de forma indireta, ou seja, é uma realidade que se apresenta de forma distorcida; então, o leitor tem para si uma imagem que, muitas vezes, não condiz com a realidade. Diante disso, ele apresenta quatro tipos de padrões de manipulação que estão presentes nas atividades jornalísticas.

(1) Padrão de ocultação – É o padrão que se refere à ausência e à presença dos fatos reais na produção da imprensa. Não se trata, evidentemente, de fruto do desconhecimento, e nem mesmo de mera omissão diante do real. (2) Padrão de fragmentação – Eliminados os fatos definidos como não-jornalísticos, o “resto” da realidade é apresentado pela imprensa ao leitor não como uma realidade, com suas estruturas e interconexões, sua dinâmica e seus movimentos e processos próprios, suas causas, suas condições e suas consequências. O todo real é estilhaçado, despedaçado, fragmentado em milhões de minúsculos fatos particularizados, na maior parte dos casos desconectados entre si, despojados de seus vínculos com o geral, desligados de seus antecedentes e de seus consequentes no processo em que ocorrem, ou reconectados e revinculados de forma arbitrária e que não corresponde aos vínculos reais, mas a outros ficcionais, e artificialmente inventados. (3) Padrão da inversão – Fragmentado o fato em aspectos particulares, todos eles descontextualizados, intervém o Padrão da Inversão, que opera o reordenamento das partes, a troca de lugares e de importância dessas partes, a substituição de umas por outras e prossegue, assim, com a destruição da realidade original e a criação artificial da outra realidade. (4) Padrão da indução- o que torna a manipulação um fato essencial e característico da maioria da grande imprensa brasileira hoje é que a hábil combinação dos casos, dos momentos, das formas e dos graus de distorção da realidade submete, no geral e no seu conjunto, a população à condição de ser excluída da possibilidade de ver e compreender a realidade real e a consumir uma outra realidade, artificialmente inventada (ABRAMO, 2016, p.40-49).

Abramo (2016) salienta que os padrões de manipulação apresentados não ocorrem sempre em todas as matérias de todos os veículos de notícia. Ele afirma que é possível encontrar, diariamente, conteúdos nos quais os processos apresentados não existam, ou quando há, seja em um grau mínimo. Existe a possibilidade também de haver erros involuntários ou, até mesmo, limitações do dia a dia, quanto à capacidade de apurar e divulgar informações sobre a realidade.

Tudo o que foi evidenciado sobre jornalismo, democracia e política colaborará com a análise sobre as matérias da *Folha de S. Paulo* que trazem a cobertura das manifestações contra e a favor do *impeachment*. A *Folha* possui uma das maiores circulações do país, e está sediada em São Paulo, epicentro das manifestações, o que possibilitou a cobertura das mesmas, diariamente, e, quase que, em tempo real, tendo grande visibilidade na maior cidade brasileira. Adiante, a pesquisa traz um breve histórico sobre a *Folha* e seu papel como ator político.

1.3. A *Folha de S. Paulo*

Os jornais impressos possuem grande importância para a história da comunicação de massa, assim como para a construção da sociedade. O jornal reafirma seu campo de atuação na sua função de informação, validação e de reflexão crítica sobre os acontecimentos cotidianos, realizado tanto pelos veículos, quanto pelos leitores, que projetam a leitura a partir das abordagens dos fatos descritos pelos jornais.

Maurice Mouillaud (2002) revela que o jornal é pertencente à rede de informações que já existe em nosso meio, desde o século XIX, e, desde então, está em constante modificação. Para ele, o jornal não é somente uma rede que tem o objetivo de impor uma interpretação hegemônica dos fatos e acontecimentos do dia a dia, mas sim a própria forma deles.

O jornal é apenas um operador entre o conjunto de operadores sócio-simbólicos, sendo, aparentemente, apenas o último: porque o sentido leva aos leitores, estes, por sua vez, remanejamo-nos a partir do seu próprio campo mental e recolocamo-nos em circulação no ambiente cultural (MOUILLAUD, 2002, p.51).

Apesar do advento de novas tecnologias que fazem com que a notícia chegue mais rápido ao consumidor, o jornal impresso ainda conserva uma pluralidade de assuntos, temas e destaques que refletem diversos segmentos de interesse da sociedade.

O objeto deste estudo, a *Folha de S. Paulo*, é um jornal de grande circulação nacional⁷, possui um alto número de tiragens e uma solidez no mercado. De acordo com o histórico apresentado no site da *Folha*⁸, o jornal nasceu em 1921, criado por Olival Costa e Pedro Cunha, inicialmente, denominado *Folha da Noite*. Em de 1925, foi criada a *Folha da Manhã*, edição matutina da *Folha da Noite*. A *Folha da Tarde* foi fundada após 24 anos. Só depois, em janeiro de 1960, os três títulos se uniram, fazendo-se surgir o jornal *Folha de S. Paulo*.

Segundo Mota e Capelato (1980), no início, quando a *Folha* se caracterizava pela informação e defesa da causa pública, dava-se ao Jornal uma aparência fiscalizadora. Naquela época, os leitores dos jornais do grupo *Folha* eram, na maioria das vezes, funcionários públicos e pequenos comerciantes. De acordo com Tatiana Leal (2017), era na *Folha* que as pessoas encontravam os “porta-vozes do novo horizonte pequeno-burguês reformista, democratizante e fiscalista” (LEAL, 2017, p.45).

⁷ A *Folha* encerrou 2021, segundo os números auditados pelo IVC (Instituto Verificador de Circulação), com circulação total (digital e impressa) em 366.089 exemplares diários pagos.

⁸ https://www1.folha.uol.com.br/institucional/historia_da_folha.shtml?fill=4

O Jornal foi marcado por estratégias e urgências históricas, apresentando-se como “apartidário, crítico e pluralista em seu projeto editorial” (MANUAL DA REDAÇÃO, 2021, p.22). Em relação à primeira fase da *Folha de S. Paulo*, nota-se o quanto as páginas traziam um teor mais conservador, apoiando o Golpe Militar de 1964. As notícias veiculadas soavam com um tom de ambiguidade e, por alguns momentos, era explícito o apoio à continuidade do regime vigente daquela época. Dias (2014) aponta que:

Ideologicamente, também não havia muita discordância entre o empresariado e o governo militar que tomou posse em 1964. Não foi apenas a Folha, mas praticamente toda a grande imprensa no país apoiou o regime. Este apoio da imprensa se consolidou pelo constante combate à radicalização dos ideais comunistas, que, obviamente, não interessavam a uma empresa capitalista (DIAS, 2014, p.91).

De acordo com Leal (2017), essa ambiguidade era refletida em um jornal que pretendia se mostrar liberal e, ao mesmo tempo, também “praticava a autocensura na redação, anunciando a história, mesmo que seja em partes, da grande imprensa brasileira e suas relações privilegiadas com o poder político e as redes empresariais” (LEAL, 2017, p.45).

Em 2011, ano em que a *Folha* completou nove décadas, o Jornal digitalizou-se e disponibilizou aos assinantes todo o seu acervo em banco de dados, desde seu primeiro ano de fundação. Atualmente, a *Folha de S. Paulo*, controlada pela família Frias, é caracterizada como o Jornal brasileiro de maior tiragem e circulação entre os diários nacionais de interesse geral, segundo o IVC (Instituto Verificador de Comunicação). Ainda de acordo com o Instituto, a *Folha* se mantém como líder entre os maiores jornais brasileiros, quando se trata de audiência paga, ou seja, na venda de exemplares e assinaturas.

O jornalismo praticado pela *Folha* concentra-se em temas de informação geral e de interesse público, traduzidos em conteúdo útil e compreensível para o maior número de pessoas. Conforme o Projeto Folha, o veículo considera as notícias e ideias como mercadorias a serem tratadas com rigor técnico. Acredita-se também que a democracia se baseia no atendimento livre, diversificado e eficiente da demanda coletiva por informações.

Como empresa, o jornal é independente em face a grupos de poder. Procura-se sempre melhorar e oferecer serviços de qualidade, pautando-se por uma política de competição comercial, modernização tecnológica e valorização da competência profissional.

De acordo com a pesquisa⁹ realizada pelo Target Group Index – Kantar IBOPE, no ano de 2018, aponta-se que dos 1.731.000 leitores moradores da grande São Paulo, 12% fazem parte

⁹ Ver: http://www.publicidade.folha.com.br/folha/perfil_do_leitor.shtml

da classe A, 43% da B, 40% da classe C e 5% DE. Dessa totalidade, 54% são do sexo masculino e 46% feminino. A faixa etária que mais consome o conteúdo trazido pelo Jornal, é a de pessoas com idade entre 45 e 54 anos.

A *Folha* apresenta vários cadernos e cada um trata de um tema específico e notícias diárias sobre assuntos relacionados à política, cultura, esporte, cotidiano, mundo, mercado de trabalho, entre outros. Há também a parte dedicada aos artigos de opinião, na qual os colunistas expressam o que pensam sobre determinado assunto.

O Jornal foi protagonista na cobertura de movimentos que fazem parte da história do Brasil, como a do Golpe Civil-Militar de 1964; a das Diretas Já, em 1984, e a do *impeachment* do ex-presidente Fernando Collor de Mello, em 1992. Na década de 1960, assim como outros veículos de imprensa da época, apoiou o movimento que derrubou o presidente João Goulart.

Entre 2015 e 2016, a *Folha de S. Paulo*, juntamente com outros grandes jornais de circulação nacional, desempenhou um papel estratégico ao noticiar os acontecimentos diários do processo de *impeachment* de Dilma Rousseff, desde as manifestações de ruas, convocadas por grupos como *Movimento Brasil Livre* (MBL) e o *Vem Para a Rua*, com apoio também de empresários liderados pela Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP), até a tramitação e desfecho do Golpe de Estado, sofrido em 2016.

A *Folha de S. Paulo*, ao noticiar desde as manifestações de 2013 (COSTA, 2016), bem como todo o processo de *impeachment* de Dilma, buscou legitimar o discurso favorável ao impedimento e enquadrou, em suas matérias, a corrupção, crise econômica e crise política, como forma de justificar a realização do *impeachment* e o afastamento da ex-presidente de seu cargo. A seguir, será explicado, a partir da concepção de autores como Jessé Souza (2016a), a atuação dos movimentos sociais e um breve histórico do Golpe de 2016.

CAPÍTULO 02 - O Golpe e as movimentos sociais

Os movimentos sociais compreendem um espaço que reproduz ações sociais coletivas e possuem caráter sociopolítico e cultural, colocando em evidência os pensamentos e ideologias que a população pauta. De acordo com Gohn (2013), os movimentos sociais vêm contribuindo, ao longo do tempo, para organizar e conscientizar a sociedade, propondo e lutando por melhorias para todos, a partir de mobilizações. Gohn (2013) ainda destaca que existem movimentos sociais de caráter educativo, que oferecem aprendizagem para aqueles que atuam nas ações, fazendo com que eles se tornem importantes agentes de inovação e controle social.

Em outra obra, Maria da Glória Gohn (2017) descreve uma linha histórica das atuações dos movimentos sociais no Brasil, separando-os como clássicos, novos e novíssimos. Eles são caracterizados como:

Os clássicos abarcam os sindicatos, os sem-terra, estudantes, movimentos populares/comunitários de bairros, os sem-teto etc. Os novos abrangem os movimentos de luta por direitos, identidades etc. criados a partir do final da década de 1970 (gênero, geracionais, étnicos, ambientalistas etc.). E os novíssimos, abrangem movimentos da atualidade, a maioria criados ou “firmados” na cena pública na década de 2010, a exemplo do Movimento Passe Livre (MPL) e do Movimento dos Secundaristas, de um lado; e, de outro, o Vem Pra Rua (VPR) e o Movimento Brasil Livre (MBL), criados em 2014. Demarcam-se as diferenças entre as correntes políticas, ideológicas e culturais que eles representam (GOHN, 2017. p.3).

Considerando que o *impeachment* de 2016 faz parte de um processo histórico, caracterizado por um conjunto de fenômenos sociais e econômicos, parte-se aqui da compreensão de todo esse processo junto às jornadas de junho de 2013. Os protestos daquela época foram, historicamente, gigantescos e iniciaram-se a partir das reivindicações contra o aumento do valor das passagens em São Paulo e no Rio de Janeiro. Estenderam-se por todo o Brasil e contaram com a participação de pessoas de diversas classes sociais.

As “Jornadas de junho de 2013” tiveram a participação do público jovem. No começo das manifestações, a mídia tentou desqualificar os atos, com o objetivo de formar uma opinião pública, contrária ao que estava sendo exposto nas ruas, divulgando notícias e pesquisas de cunho tendencioso. O que foi ganhando, depois, outras configurações dentro da cobertura.

Conforme Jessé Souza (2016a), existe uma linha clara de continuidade entre as manifestações de junho de 2013 e o Golpe de abril de 2016. Nesse intervalo de tempo, o ataque ao governo petista foi realizado sem tréguas até a vitória final no processo de *impeachment*.

As manifestações de junho de 2013 marcam o ponto de virada da hegemonia ideológica até então dominante e das altas taxas de aprovação aos presidentes dos governos petistas. Na verdade, representam o início do cerco ideológico até hoje mal compreendido pela enorme maioria da população. A grande questão é como protestos localizados com foco em políticas municipais foram manipulados de tal modo a se "federalizarem" e atingirem a popularidade da presidente Dilma, que àquela altura gozava dos mais altos índices de aprovação no seu governo (SOUZA, 2016a, p.87).

Além da pauta sobre o aumento das passagens, foram sendo inseridas outras, o que possibilitou que a mídia introduzisse um consenso de federalização nas manifestações. Sendo assim, os atos que pretendiam buscar soluções para os problemas locais, passaram envolver discussões de temas de nível nacional. A mídia acabou por assumir protagonismo diante desses atos, com objetivo – sabe-se hoje – de deslegitimar a popularidade de Dilma.

Após as jornadas de junho, iniciou-se a consolidação da aliança firmada entre a mídia, classe média conservadora e outros atores que contribuíram para o *impeachment*. Diante disso, Michael Lowy (2016) afirma que:

Em 1964, grandes manifestações “da família com Deus pela liberdade” prepararam o terreno para o golpe contra o presidente João Goulart; hoje, multidões “patrióticas” influenciadas pela imprensa submissa se mobilizaram para exigir a destituição de Dilma, em alguns casos chegando a pedir o retorno dos militares... Formadas essencialmente por brancos (os brasileiros são em maioria negros ou mestiços) de classe média, essas multidões foram convencidas pela mídia de que, nesse caso, o que está em jogo é “o combate à corrupção (LOWY, 2016, p.66).

Nas ruas, os argumentos centrais que se ouvia falar eram sobre o antipetismo e o combate à corrupção (AZEVEDO, 2016; SOUZA, 2016b; TELLES 2015b, 2016). Além de tirar Dilma do poder, o que estava em jogo nos atos era, de acordo com Tatagiba (2018), “extirpar o mal da política brasileira”, personificados no PT e suas lideranças.

A “Operação Lava-Jato”, em conjunto com a mídia, produziu um discurso que conduziu várias pessoas a apoiarem o Golpe. O ex-juiz, Sérgio Moro, com o apoio do Ministério Público Federal (MPF), utilizou a operação de forma sistemática, o que contribuiu com o estremecimento do governo de Dilma. Nos anos de 2015 e 2016, mais especificamente, não aconteceu somente o que a operação tinha como objetivo, que era o combate a corrupção, mas sim, um espetáculo de operações midiáticas, conforme acrescenta Jesse Souza (2016):

Foi, no fundo, uma grande vingança pela perda das eleições de 2014. Um esquadrão de tucanos que formavam a equipe de delegados da Lava Jato, e que havia participado ativamente – e nem sempre de modo adequado – da guerra eleitoral de 2014, se une a correligionários, os quais, unidos à mídia conservadora, constroem passo a passo a atmosfera favorável para o golpe. A construção da grande fraude envolveu ilegalidades o tempo todo. Vazamentos ilegais e seletivos de depoimentos e de

delações premiadas expostos na televisão todos os dias criaram o clima midiático para o verdadeiro linchamento televisivo (SOUZA, 2016a, p. 123).

A produção jurídico-midiática do antipetismo ficou mais intensa a cada nova operação da Lava-Jato. Diante do que foi explicado, pode-se perceber a construção de um processo enviesado, o Golpe de 2016, arquitetado e apoiado pela grande mídia, que contribuiu para a deslegitimação do governo Dilma. Após isso, foram retirados direitos do cidadão, garantidos pela Constituição Federal de 1988, os quais foram conquistados através de muita luta da classe trabalhadora.

A mídia teve um importante papel em agendar e noticiar todos os acontecimentos do Golpe e atuação das manifestações sociais que alcançaram todo o Brasil. No próximo tópico, será abordado sobre o papel da mídia na cobertura das manifestações contra e pró-*impeachment*.

2.1. Mídia e Manifestações Sociais

As manifestações sociais são consideradas como ações, movimentos coletivos com finalidade política, social, cultural, por meio dos quais, as pessoas se reúnem em determinado ambiente para expressar suas ideias, opiniões e reivindicar sobre decisões tomadas por seus representantes eleitos pelo voto popular.

As manifestações de rua acerca do *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff, estão dentro de um contexto social complexo e têm como pano de fundo as disputas pelo poder político e o exercício da democracia. Elas são consideradas como um elemento importante no processo que culminou na destituição ilegítima de Dilma. As manifestações, sejam favoráveis ou contrárias à saída da presidenta do poder, tiveram um papel significativo no jogo de forças políticas e serviram de objeto para a defesa de argumentos dos atores políticos envolvidos no processo.

Como as manifestações de junho de 2013, os atos de 2015 e 2016, também receberam uma grande repercussão midiática. Vários autores trazidos nesta pesquisa, apontam que a cobertura dos fatos foi feita de maneira desequilibrada e tendenciosa, a qual certificou o discurso dos manifestantes pró-Golpe, enquadrando-os como representações dos desejos dos brasileiros. Luis Felipe Miguel (2016b), alega que: “as manifestações contra Dilma foram praticamente patrocinadas pelos principais veículos de comunicação, anunciados à exaustão e merecendo cobertura ao vivo. Já aquelas a favor da presidente receberam tratamento muito diferente” (MIGUEL, 2016b, p. 110).

Como já dito, as manifestações sociais contra e a favor do *impeachment* ocorreram em diversas capitais e municípios brasileiros, somando milhões de pessoas que foram reivindicar contra ou a favor do Golpe de Estado. Capitais como São Paulo, por exemplo, considerada epicentro para a imprensa, foram alvo de notícias que percorreram todo o país, fazendo com que os leitores acreditassem que o governo Dilma estava em decadência. Conforme Cardoso (2017), a maior circulação de informações criou um contexto favorável para o surgimento de novos atores políticos, que passaram a influir na disputa de forças da sociedade.

Tais interferências estiveram calcadas nas mídias nascentes, que amplificaram os discursos dos primeiros. Assim as formas de disseminação massiva de informação passaram a ser, ao mesmo tempo, objeto de preocupação e vigilância dos sistemas de controle social, e uma importante ferramenta para publicização de novas ideias e de fortalecimento de sujeitos contrários ao sistema vigente (CARDOSO, 2017, p.112).

Como já foi abordado outras vezes nessa pesquisa, os veículos de comunicação possuem uma grande e fundamental importância na divulgação dos acontecimentos diários do Brasil e do mundo. Sem ela, viveríamos “no escuro”, em relação a estar sempre cientes sobre diversos assuntos. Diante dessa importância, Cardoso (2017), afirma que as estratégias da imprensa em dar mais notoriedade a determinados discursos e fontes, causando prejuízos para outros, influencia negativamente na maneira como esse material é recebido e principalmente interpretado pelo público.

A cobertura das manifestações de rua, contrárias ao *impeachment* de Dilma Rousseff, realizada pela grande imprensa, legitimou a prática tendenciosa da mídia em inferiorizar os movimentos sociais populares.

Ivana Bentes (2016), em artigo para o site *The Intercept Brasil*, no ano do Golpe, fala sobre como a mídia brasileira construiu uma narrativa novelizada para o *impeachment* de Dilma Rousseff. Para ela, são notórios os fatores que depõem contra o processo e aqueles que viabilizaram a crise.

A operação jurídico-midiática que viabilizou o *impeachment* também explicitou um fato sabido: o negócio da mídia brasileira não é jornalismo e nem notícias, é construção de crise, instabilidade e “normalidade”. É o que podemos chamar também de novelização das notícias e uma tentativa exaustiva de “direção de realidade” (BENTES, 2016, s.p.).

Em seu livro “Corpos em Alianças e a Política das Ruas”, Judith Butler (2018) aponta que as manifestações de massa, que acontecem nas ruas, apesar de, na maioria das vezes, possuírem uma finalidade política diferente, em algo se assemelham: “os corpos congregam, eles se movem e falam juntos e reivindicam um determinado espaço como público” (BUTLER,

2018, p. 95).

A mídia, na cobertura das manifestações contra e pró-*impeachment* de Dilma Rousseff, teve um papel fundamental para a formação de opinião dos leitores. Por se tratar de um sistema de mídia, os meios de comunicação possuem um *modus operandi*, com códigos e regras próprias, mas atravessado por outras lógicas do sistema de poder (político, econômico e social). Conforme escreve Habermas (2008), “a dinâmica da comunicação de massa é dirigida pelo poder dos *media* de selecionar e de formatar a apresentação de mensagem e pelo uso do poder político e social” (2008, p.13). Ainda conforme o autor, essa estratégia influencia as agendas, enquadra e ativa questões públicas.

Este trabalho está direcionado a entender, de uma forma geral, a construção do discurso nas coberturas das manifestações contra e a favor do Golpe, pela *Folha de S. Paulo*, por isso, a teoria do enquadramento se faz bastante pertinente para ser utilizada, uma vez que contempla e abrange o nível de discussão a ser tratada, como veremos a seguir.

2.2. O conceito de enquadramento

Vários estudiosos trazem conceitos relevantes sobre a aplicação de enquadramento, como a socióloga Gaye Tuchman (1978), Goffman (1986), Mauro Porto (2004), Venício Lima (2004), entre outros autores.

Quando se fala do papel da mídia na Política, é essencial que as pessoas discutam acerca do tema, sejam elas jornalistas, pesquisadores e até mesmo o público consumidor de notícias. Para que o público consuma um bom conteúdo, a mídia deve repassar informações de forma objetiva e imparcial.

Cabe ao jornalista, escritor e construtor das notícias que são veiculadas, também apurar os fatos, bem como enquadrá-los, com o objetivo de tornar a informação mais clara aos leitores. Diante disso, ele atua como mediador entre todos os fatos que acontecem no dia a dia, selecionando os que atribuem mais valor à notícia.

De acordo com os estudos de Porto (2004), a análise do papel político da mídia se limita a ressaltar a falta de objetividade ou imparcialidade das mensagens.

Ao tratar de temas políticos de temas políticos, a mídia deve impedir que valores e ideologias (principalmente dos proprietários e jornalistas) interfiram no relato dos fatos (a noção de objetividade) ou evitar que os meios de comunicação favoreçam um grupo, partido ou candidato (a noção de imparcialidade). Na análise da cobertura das eleições, por exemplo, pesquisadores frequentemente medem o espaço dado a cada candidato ou a valência das matérias (positiva ou negativa) para explicar qual teria sido o papel da mídia (PORTO, 2004, p. 75).

É preciso, nesse sentido, entender os enquadramentos como marcos interpretativos mais gerais, construídos socialmente, que permitem às pessoas dar sentido aos eventos e às situações sociais”. Ainda conforme o Porto (2001), o conceito pode ser utilizado para definir os “princípios de seleção, ênfase e apresentação”, usados por jornalistas para organizar a realidade e o noticiário. O modo como as manifestações contra Dilma foi enquadrado pela grande imprensa, contribuiu para que uma grande parte da sociedade "normalizasse" o *impeachment* como solução para os problemas que o país enfrentava na época.

Conforme a definição do autor, os enquadramentos noticiosos têm o poder de pautar conversas, discussões sobre diversos assuntos, fazendo com que o enquadramento tenha um importante efeito no modo como a audiência interpreta esses problemas. No caso da cobertura política, os enquadramentos permitem aos jornalistas conquistar audiências, organizar e interpretar temas e eventos políticos de forma específica.

Enquadramentos noticiosos são padrões de apresentação, seleção e ênfase utilizados por jornalistas para organizar seus relatos. No jargão dos jornalistas, este seria o “ângulo da notícia”, o ponto de vista adotado pelo texto noticioso que destaca certos elementos de uma realidade em detrimento de outros. Nesta categoria estão, por exemplo, o “enquadramento de interesse humano”, que focaliza a cobertura em indivíduos, ou o “enquadramento episódico”, com sua ênfase em eventos (PORTO, 2004, p.91).

Em sua dissertação de mestrado, Talita Lucarelli Moreira (2016), em conformidade com Sábada (2007), destaca que as fontes que os jornalistas usam para escrever a notícia, também exercem influência sobre a realidade que é construída, ou seja, é através dessa escolha que é possível dar ao conteúdo divulgado, um caminho que leve ao interesse dos veículos de comunicação.

Outro autor que corrobora com os estudos sobre enquadramento é Venício Lima (2004). Segundo ele, a noção de enquadramento envolve a seleção e saliência, o que faz com que a informação transmitida se torne mais noticiável, significativa ou memorável para a audiência.

Enquadrar é selecionar certos aspectos da realidade percebida e torná-los mais salientes no texto da comunicação de tal forma a promover a definição particular de um problema, de uma interpretação causal, de uma avaliação moral, e/ou a recomendação de tratamento para o tema descrito (LIMA, 2004, p.17).

Mauro Porto (2001) define que a metodologia tem o poder de pautar conversas, discussões sobre diversos assuntos, fazendo com que o enquadramento tenha um importante efeito no modo como a audiência interpreta esses problemas. No caso da cobertura política, os

enquadramentos permitem aos jornalistas conquistar audiências, organizar e interpretar temas e eventos políticos de forma específica.

Mayra Regina Coimbra (2018), de acordo com Castells (2001), argumenta que o enquadramento funciona quando deixa brechas na informação obtida: “A audiência preenche com seus esquemas preconcebidos; ou seja, quando a pessoa preenche as informações com processos interpretativos de sua mente humana, baseados em ideias e sentimentos ligados entre si e já armazenados na memória” (COIMBRA, 2018, p. 217).

A partir das reflexões pesquisadas sobre o conceito de enquadramento, pretende-se compreender de que forma as manifestações contra e pró-*impeachment*, ocorridas nos anos de 2015 e 2016, foram enquadradas pela *Folha de S. Paulo*.

CAPÍTULO 03 – Enquadramentos das principais manifestações pró e contra o impeachment

A partir da ótica midiática do jornal *Folha de S. Paulo*, analisando e comparando os aspectos que diferenciam uma divulgação de uma manifestação para outra, neste tópico, apresenta-se um breve comparativo das edições da *Folha*, que trazem a cobertura das manifestações contra e pró-impeachment de Dilma Rousseff, ocorridas em março de 2015 e 2016. O objetivo é analisar como foram divulgados os cenários que, a princípio, parecem ser semelhantes. Porém, há uma distinção de como uma e outra cobertura ocorreram.

Na capa da edição de 14 de março de 2015 (**Figura 01**), um dia após as manifestações que foram favoráveis à Dilma, observa-se uma cobertura mais sucinta, com pouca ênfase no texto de abertura, no título, bem como na fotografia, que é apresentada de forma mais fechada, sem grande ângulo de abertura, que não identifica se o ato estava cheio ou não.

Figura 01 – Capa da edição de 14/03/2015



Fonte: Site da *Folha de S. Paulo*

Figura 02 – Capa da edição de 14/03/2016



Fonte: Site da *Folha de S. Paulo*

Já a capa da edição de 14 de março de 2016 (**Figura 02**), exatamente um ano depois, aparece com abertura de página inteira ao evento, imagens aéreas, foto aberta em grandes proporções. A manchete apresentada aponta para uma descrição superlativa, indicando o ato

contra Dilma como “o maior da história”. Outro destaque se dá para o número de manifestantes, como forma de superdimensionar um amplo apoio da maioria da população brasileira ao *impeachment*.

Figura 03 – Editoria Poder edição de 14/03/2015



Fonte: Site da Folha de S. Paulo

No interior do Jornal, a forma de divulgar a manifestação a favor de Dilma segue semelhante à da capa. Em 14 de março de 2015, o texto é curto, com fontes indiretas, informações breves e sem muita contextualização. Dilma não foi ouvida, mesmo o ato sendo favorável a ela.

Outro ponto que merece destaque é a publicação do mapa do Brasil, mostrando as capitais onde ocorreram as manifestações. Ao lado da ilustração, aparece um quadro, no qual apresenta-se a estimativa do número de participantes em cada um dos estados onde ocorreram os atos. Porém, há uma grande diferença entre os dados apresentados pelos organizadores em relação aos que foram revelados pela Polícia Militar. Existe ainda uma outra divergência em relação ao número apontado pelo *DataFolha*, que difere da contabilização, tanto da Polícia Militar, quanto dos organizadores.

Uma matéria publicada pela “Veja São Paulo”¹⁰, em março de 2015, pouco depois da manifestação a favor de Dilma, esclarece como são feitos os cálculos, da Polícia Militar e do DataFolha. Segundo eles, essa contagem e, conseqüentemente, a sua veiculação, costuma virar ponto de discórdia. Conforme a Veja, “o Datafolha considera que uma área de 116 000 metros quadrados da Paulista (que tem 2,5 quilômetros de extensão) era passível de ocupação – exclui-se da conta, por exemplo, partes do canteiro central cobertas por tapume por causa das obras da futura ciclovia. Os analistas também levam em consideração que nem todo esse espaço é ocupado de maneira homogênea”.

Já a Polícia Militar calcula o número de pessoas a partir de uma ferramenta chamada “Copom Online”, que utiliza recursos de mapas e georreferenciamento, baseados nas imagens aéreas colhidas por um helicóptero. “O parâmetro de cálculo foi de cinco pessoas por metro quadrado”.

Figura 04 – Editoria Poder edição de 14/03/2016

The image shows a page from the 'Poder' section of the Folha de São Paulo newspaper, dated March 14, 2016. The layout includes several articles and infographics. The main headline is 'Ato em SP atrai 500 mil pessoas, supera Diretas e impulsiona impeachment', with a sub-headline 'MILHARES DE MANIFESTANTES POLÍTIOS JÁ REGISTRARAM PEDIDO DE IMPEDIMENTO DE DILMA'. Other headlines include 'Lava Jato incendeia Paulista e Moro é tratado como herói' and 'Queda de braço'. The page contains multiple bar charts, a map of Brazil, and several photographs of protest participants.

Fonte: Site da Folha de S. Paulo

¹⁰ Ver: <https://vejasp.abril.com.br/cidades/calculos-publico-policia-militar-datafolha/>

Na edição do dia 14 de março de 2016, que noticia as manifestações a favor do *impeachment*, o conteúdo divulgado nos mostra que a *Folha* utilizou mais recursos, sejam eles visuais e textuais, dando mais repercussão para esse ato. As matérias tomaram conta de duas páginas inteiras do Jornal. De forma indireta, o Jornal, nas páginas internas (**Figura 04**), demonstrou com as fotografias selecionadas para estampar as notícias, uma imagem negativa de Lula e Dilma, com características que fazem alusão à corrupção.

Outro ponto de destaque nesta edição é a apresentação de gráficos na parte superior do Jornal, onde é encontrada uma linha do tempo, na qual são apresentadas as maiores manifestações já medidas pelo *Datafolha*, sejam elas relacionadas a atos políticos ou não. A diferenciação dos atos vai pela cor: amarelo para políticos e cinza para não políticos. O gráfico temporal inicia-se com a contagem dos manifestantes que participaram do ato Diretas Já, em 1984, e vai até as manifestações de 13 de março de 2016. É importante destacar que dentro dessa linha do tempo, não há alusão às manifestações favoráveis ao governo Dilma.

Nesta edição também é apresentado um mapa do Brasil, no qual é possível observar quais estados aderiram às manifestações. Há também a tabela que demonstra o número de manifestantes contabilizados pela Polícia Militar e pelos organizadores, porém, não há uma discrepância na diferença da contagem de um para o outro.

Na página A7 do Jornal (**Figura 04**), também dedicada à cobertura das manifestações pró-*impeachment*, foi divulgado um outro gráfico. Neste, o *Datafolha* demonstra a contabilização de manifestantes hora a hora, com o objetivo de verificar a evolução do ato na Avenida Paulista. O horário que teve mais pessoas no espaço foi de 16h, somando cerca de 450 mil manifestantes protestando contra Dilma e a favor do seu impedimento. Ao lado do gráfico, há uma ilustração na qual é explicado, de forma lúdica, como é feita uma pesquisa do *DataFolha*, em eventos como a manifestação, para que o leitor entenda e não haja dúvidas sobre a contabilização de manifestantes, número este que ganhou destaque, até mesmo por superar o movimento “Diretas Já”, evento em que a cobertura da *Folha* ganhou grande destaque, tal qual reforçado historicamente pelo próprio veículo¹¹.

Diante do acompanhamento das edições das capas apresentadas, bem como das coberturas da coluna “Poder”, fazendo um comparativo da forma como a *Folha* abordou e propagou as duas manifestações, observa-se, uma cobertura desequilibrada, assim como um menosprezo por certos movimentos sociais populares. A partir disso, é possível verificar com

¹¹ Ver: <https://www1.folha.uol.com.br/folha-100-anos/2021/02/campanha-pelas-diretas-ja-sintonizou-folha-com-anseio-por-mudanca-no-fim-da-ditadura.shtml>

mais detalhes o enquadramento dado pelo Jornal acerca das coberturas das manifestações, avaliando as interpretações e ações dos sujeitos envolvidos.

3.1. Enquadramento das manifestações

Com o objetivo de verificar o enquadramento das notícias veiculadas pela *Folha de S. Paulo*, conforme mencionado anteriormente, foram coletadas e analisadas seis edições, das manifestações, entre os dias 13 de março de 2015 e 13 de março de 2016, bem como as edições de dois dias depois dos atos, sendo duas do ato contra e outras duas do ato pró-*impeachment*.

Para verificar o enquadramento dado pela *Folha de S. Paulo* nas edições selecionadas, realizou-se a análise levando-se em consideração algumas categorias, com ênfase no enquadramento, como: título e valência; valência da notícia – positiva, negativa ou neutra; fontes e conteúdo das matérias divulgadas no dia posterior às manifestações contra e pró-*impeachment*. Na valência positiva, foram selecionados os materiais que evidenciam aspectos positivos do governo de Dilma. Como negativo, foram selecionados os que reproduziam críticas ao governo PT, sendo favoráveis ao *impeachment*. E, para enquadramento neutro, foram selecionados os que não traziam avaliação moral, política ou pessoal da ex-presidenta e ao *impeachment*.

Quadro 02 – Enquadramento das manchetes sobre as manifestações

Título das notícias	Data	Valência
Planalto teme confronto entre manifestantes nos atos de hoje	13/03/2015	Neutra
Atos defendem Dilma, mas criticam governo	14/03/2015	Negativa
Para 63% do ato de sexta, ‘Dilma sabia’	15/03/2015	Negativa
Violência em protesto seria desserviço ao país, diz Dilma	13/03/2016	Negativa
Ato anti-Dilma é o maior da história	14/03/2016	Negativa
Juíza envia ação para Moro, e Lula deve virar ministro	15/03/2016	Neutra

Fonte: elaboração própria

No primeiro título apresentado, “Planalto teme confronto entre manifestantes nos atos de hoje”, a edição da *Folha* apresenta uma valência neutra no que diz respeito a divulgação das manifestações ocorridas no mesmo dia da publicação, porém, vale lembrar que o ato daquele dia era contra o *impeachment* e, apesar de o título remeter a uma neutralidade, o Jornal não trouxe informações relevantes para quem não defendia o *impeachment*, mas sim um posicionamento do Planalto sobre o comportamento dos manifestantes daquele ato, especulando sobre a possibilidade de que o ato fosse violento.

Já o título divulgado um ano depois, quando as manifestações a favor do *impeachment* tiveram destaque na *Folha*, “Violência em protesto seria desserviço ao país”, o Jornal apresenta uma fala da presidenta de uma maneira tendenciosa, que leva o leitor a pensar que Dilma estava prevendo atos de violência nas manifestações a favor de sua saída do governo e que as ações seriam prejudiciais ao Brasil. A *Folha* poderia ter usado inúmeras informações para falar da manifestação, porém, preferiu usar um trecho da fala proferida por Dilma em uma entrevista para estampar a capa do dia da manifestação pró-*impeachment*.

Figura 05 – Capa da edição de 13/03/2016

Figura 06 – Capa da edição de 15/03/2016



Fonte: Site da Folha de S. Paulo

Os títulos das capas dos dias posteriores às manifestações contra Dilma, (**Figuras 02 e 06**), indicam como a *Folha* realizou uma cobertura desequilibrada, quando se trata de atos em apoio a Dilma e ao PT. Na capa da edição de 14 de março de 2015, dia posterior aos atos que defendiam a ex-presidenta, definida como valência negativa, o Jornal apresentou o título: “Atos defendem Dilma, mas criticam governo”, subentende-se que os manifestantes foram às ruas defender Dilma, porém, ao usar a conjunção “mas” e, logo após, dizer que as pessoas que estavam nos atos contra o *impeachment*, ainda possuíam críticas ao governo petista. A *Folha* utilizou, novamente, argumentos para deslegitimar o trabalho realizado por Dilma desde 2011 perante os seus leitores, deixando evidente, mesmo que de forma indireta, a posição política que o editorial preferiu seguir.

Figura 07 – Capa da edição de 13/03/2015



Figura 08 – Capa da edição de 15/03/2015



Fonte: Site da Folha de S. Paulo

Evidenciando essa afirmação, o título da capa de um ano depois (**Figura 02**), nas manifestações a favor do Golpe, a *Folha de S. Paulo*, traz em caixa alta “Ato anti-Dilma é o maior da história”, tudo em caixa alta, ocupando um espaço maior na capa. Essa constatação revela uma falsa imparcialidade ao noticiar as manifestações a favor da saída de Dilma da presidência, indicando um desequilíbrio.

A capa (**Figura 08**) de dois dias após a manifestação contra o *impeachment*, em 2015, apresenta também valência negativa. Ao dizer “Para 63% do ato de sexta, ‘Dilma sabia’”, o editorial coloca como implícito algo que a ex-presidenta sabia, deixando a princípio, a cargo do leitor, a compreensão acerca de um malfeito.

O último título apresentado nesse quadro, trata-se da cobertura dois dias após as manifestações a favor do *impeachment*. Mesmo apresentando uma valência neutra, apresentando a notícia de que Lula poderia virar Ministro, o Jornal continua trazendo uma cobertura que descredibiliza o governo PT perante a sociedade.

3.1.1. Títulos Internos

No quadro apresentado abaixo, foram coletados os títulos das notícias veiculados no interior das edições do Jornal que compõem o *corpus* da pesquisa. O objetivo de também fazer a análise desses títulos, é verificar se houve alguma mudança na valência atribuída.

Pode-se verificar que, nos títulos apresentados, os enquadramentos relativos às manifestações transitaram entre negativos e neutros e as narrativas produzidas não foram abordadas em nenhum momento de forma positiva.

Quadro 03 – Enquadramento dos títulos internos

Título das notícias	Data	Editória	Valência
Planalto teme confrontos entre grupos de ativistas	13/03/2015	Poder	Neutra
Atos rejeitam <i>impeachment</i> , mas criticam governo Dilma	14/03/2015	Poder	Negativa
Para maioria que foi a ato pró-Dilma, ela sabia da corrupção	15/03/2015	Poder	Negativa
Violência é desserviço, diz Dilma na véspera de atos	13/03/2016	Poder	Negativa
Ato em SP atrai 500 mil pessoas, supera Diretas e impulsiona <i>impeachment</i>	14/03/2016	Poder	Negativa
Lula deve aceitar convite de Dilma para ser ministro	15/03/2016	Poder	Neutra

Fonte: elaboração própria

Os títulos apresentados foram publicados na extinta editoria “Poder” que, desde fevereiro de 2022, passou a se chamar “Política”. Segundo a *Folha*, o objetivo da mudança foi tornar mais claro ao leitor qual o tipo de leitura será encontrado no núcleo dessa redação. Os principais temas que são apresentados nessa editoria referem-se aos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, bem como a assuntos relacionados a movimentos sociais e a organizações da sociedade civil brasileira.

Os títulos acima (**Quadro 03**) apresentam a mesma valência que os das capas. O único que teve uma mudança significativa no conteúdo foi o título publicado no dia 14 de março de 2016, um dia após a manifestação a favor do *impeachment*. Ao informar o número de participantes do ato, além de enfatizar que a ação superou a Diretas – movimento político que ocorreu entre os anos 1983 e 1984 e levou milhares de pessoas às ruas com objetivo de garantir a realização das eleições presidenciais diretas. Segundo o “Manual da Redação da *Folha*” (2021), o Jornal apoiou a convocação de uma assembleia constituinte, assim como o restabelecimento das eleições diretas para presidente da República, antes que o movimento “Diretas Já” tomasse conta das ruas brasileiras. De acordo com o jornal, “a *Folha* tornou-se conhecida como ‘jornal das Diretas’ e a campanha a consolidou como uma das principais forças formadoras da opinião pública no período” (FOLHA DE S. PAULO, 2021, p. 27).

Fazendo uma avaliação geral dos títulos apresentados, tanto no interior, quanto os das capas, nota-se, como prioridade da *Folha*, enquadrar situações em que Dilma possuía menos força e menos articulação de defesa; prova disso são as valências definidas na maior parte dos casos como negativa.

3.1.2. As fontes utilizadas na construção da notícia

A seguir, será apresentado um outro quadro. Neste, foram coletados dados sobre as fontes usadas na construção das matérias divulgadas pela *Folha de S. Paulo*, no período selecionado. Mesmo que as fontes não sejam o principal objetivo dessa pesquisa, julga-se necessário fazer uma breve análise, para compreender quais atores o Jornal utilizou para dar voz ao conteúdo divulgado.

Quadro 04 – Fontes utilizadas na construção da notícia

Título	Data	Editoria	Fonte
Planalto teme confrontos entre grupos de ativistas	13/03/2015	Poder	Palácio do Planalto/ Rui Falcão (Presidente do PT)/CUT/MST/UNE/DataFolha
Atos rejeitam <i>impeachment</i> , mas criticam governo Dilma	14/03/2015	Poder	CUT/MST/UNE/Polícia Militar/DataFolha/Palácio do Planalto/líder sem-terra, João Pedro Stedile/Aécio Neves
Para maioria que foi a ato pró-Dilma, ela sabia da corrupção	15/03/2015	Poder	DataFolha/CUT/Participantes do protesto
Violência é desserviço, diz Dilma na véspera de atos	13/03/2016	Poder	Dilma/PT/DataFolha/PMDB/PSD/PP/PR/PTB/PRB/Líderes de partido aliados ao PT
Ato em SP atrai 500 mil pessoas, supera Diretas e impulsiona <i>impeachment</i>	14/03/2016	Poder	DataFolha/PM/MBL/Sérgio Moro/Planalto/Supremo Tribunal Federal
Lula deve aceitar convite de Dilma para ser ministro	15/03/2016	Poder	Lula, equipe de Dilma, Fernando Haddad, Rui Falcão/Deputados, Senadores

Fonte: elaboração própria

Ao analisar as fontes selecionadas para compor as matérias, percebe-se que, na maioria das vezes, elas não foram usadas de forma direta. A matéria que mais chama a atenção, trata-se da que aparece falas de Dilma, selecionadas de uma entrevista concedida pela ex-presidenta, do dia 13 de março de 2016, um dia antes da manifestação a favor do *impeachment*, na qual o título já traz um trecho da fala dela, estampando tanto na capa, quanto na editoria “Poder”.

Outras fontes (**Quadro 04**) como os movimentos sociais, líderes de partido, participantes de protestos e, até mesmo a própria Dilma, que deveria ser a fonte mais ouvida, acabam sendo utilizadas de maneira indireta; aparecem somente para identificar os presentes nos atos. Exemplo disso são as matérias em que a ação é voltada contra o *impeachment*.

A fonte que mais aparece nas notícias analisadas é o *DataFolha*. O objetivo da criação do instituto pelo grupo *Folha* é o de “oferecer conteúdo e servir como ferramenta de planejamento para o jornal e outros veículos e serviços da empresa”. Atualmente, segundo o site do Instituto¹², eles são uma das mais importantes instituições de pesquisa de opinião do Brasil.

¹² Ver: <https://datafolha.folha.uol.com.br/>

Como mencionado, o *DataFolha* é a fonte que mais aparece, com o objetivo de mostrar, a partir de suas pesquisas, o número de participantes nos atos contra e pró-*impeachment*; além de pesquisa com os manifestantes, como a que foi feita na edição do dia 15 de março de 2015, dois dias após os atos contra o *impeachment*. O próprio título já traz o resultado da pesquisa realizada pelo Instituto, mesmo que, a princípio, não apareçam os dados, ao dizer que “Para maioria que foi a ato pró-Dilma, ela sabia da corrupção”, ao utilizar o substantivo maioria, já é indicado que a pesquisa apresenta dados desfavoráveis ao governo Dilma.

Outro aspecto chama a atenção na utilização do *DataFolha* como fonte que mais aparece no material coletado: quando as manifestações ocorridas são favoráveis ao governo de Dilma, o conteúdo divulgado juntamente com os dados colhidos pelo Instituto vem de forma negativa, com o intuito de “desestabilizar” Dilma diante do público leitor.

Na última edição publicada do “Manual da Redação da *Folha de S. Paulo*”, apresenta-se que o jornalismo desenvolvido pelo veículo é de um “registro crítico, partidário e pluralista”. Sua singularidade na imprensa brasileira se traduz “na abrangência com que interpela e problematiza os poderes instituídos na esfera pública e privada, estendendo sua voz inquisitiva às mais diversas direções, inclusive à própria mídia” (FOLHA DE S. PAULO, 2021, p.22).

Além da diferenciação na maneira de abordar as duas manifestações, outro aspecto que é relevante chamar a atenção é a caracterização que *Folha* deu aos participantes dos dois atos. As pessoas que foram às ruas defender Dilma foram caracterizadas pela cobertura do Jornal como militantes, ativistas e manifestantes. Já as que foram a favor do *impeachment*, foram mencionadas como grupos pró-*impeachment*, opositores, pessoas e participantes. Diante dessa análise e do conteúdo descrito pelo grupo *Folha*, no “Manual da Redação”, percebe-se que as fontes e personagens presentes nas matérias apontam uma discrepância significativa e uma cobertura desequilibrada, entre aqueles que atuaram como personagens e aqueles que tiveram voz.

3.1.3. Elementos Visuais

Os elementos visuais utilizados em conjunto com as imagens, cores e as legendas das fotos, dão mais sentido, auxiliam na interpretação e na construção da notícia, bem como o espaço dado às manifestações nas edições selecionadas.

A fotografia tem como objetivo chamar atenção do leitor sobre as declarações que estão por vir na matéria. Diante disso, a escolha das imagens que vão compor as páginas é de grande

importância. Quando pegamos o jornal, é com a imagem escolhida pela edição, que nos deparamos, primeiramente. De acordo com Cássio Santana (2018), as imagens possuem um poder, pois exigem um esforço cognitivo do leitor e, a partir disso, criam interpretações, laços emocionais mais instantâneos e sólidos.

A maioria dos veículos de comunicação, tanto os clássicos quanto os emergentes, trabalham com imagens, inclusive as exigindo enquanto critério de publicação, de modo que, sem uma fotografia, matérias, notícias, post, etc. têm grandes probabilidades de não serem publicados (ou de não terem destaque, como é o caso de jornais impressos) (SANTANA, 2018, p.6).

Nas três edições selecionadas, em que foi abordada a cobertura das manifestações contra o *impeachment*, a *Folha* utilizou pouco do recurso visual para ilustrar as matérias sobre os atos que defendiam Dilma. Na edição do dia 13 de março de 2015, um dia antes das ações, o Jornal trouxe apenas uma fotografia, não na capa, mas no interior do Jornal. Ela foi apresentada com um ângulo mais fechado, mostrando apenas poucos rostos de manifestantes que foram às ruas manifestar e levantar suas bandeiras contra a deslegitimação do governo Dilma.

Já na edição que traz a cobertura da manifestação, o que se esperava eram mais recursos visuais para mostrar, além da narrativa, como foram os atos. Porém, a *Folha* continuou na mesma linha que seguiu na edição já mencionada. Nesta edição, publicada no dia 14 de março de 2015, a capa trouxe três fotografias (**Figura 01**), em ângulos fechados, que mostram os manifestantes em duas capitais brasileiras: São Paulo e Recife. As imagens do interior do Jornal (**Figura 03**) também seguem a mesma linha, sem muita cobertura fotográfica, generalizando assim o protesto em defesa do governo petista.

Um ano após as manifestações que defendiam o governo Dilma, as edições selecionadas trouxeram uma cobertura fotográfica totalmente diferente do ano anterior. Com mais utilização de imagens, ângulos abertos, imagens aéreas. A edição do dia posterior à manifestação a favor do *impeachment* é que mais apresenta essas características (**Figuras 02 e 04**) e, diante da comparação de uma cobertura para a outra, revela que com as escolhas das fotografias, o Jornal indica uma valoração distinta na cobertura, assim como passa ao leitor a ideia de que cada vez mais, as pessoas estão se mobilizando a favor do *impeachment*, reforçando sentidos sobre essa ideia.

Nas três edições selecionadas para analisar a cobertura da *Folha* nas manifestações contra Dilma, outro ponto que é evidenciado é a imposição de grandeza dos atos, demonstrada tanto na cobertura fotográfica, quanto nas narrativas. O tom das imagens selecionadas para

mostrar como foram os atos, corrobora para a legitimação do processo de *impeachment* e para a descredibilização da figura de liderança do governo Dilma.

As legendas são tão importantes quanto as fotos, que são apresentadas nas capas, bem como no interior do Jornal. Elas acompanham as fotografias e falam sobre os conteúdos apresentados na imagem. O objetivo das legendas não é só descrever a imagem, mas, também, dar destaque a algo que será apresentado na matéria. Diante disso, André Carvalho (2021), acrescenta:

A legenda é o texto verbal que mais diretamente se conecta à imagem ou ao texto visual dentro do jornalismo. A sua existência se dá em relação, conexão, interação ou complementaridade à imagem que acompanha, seja uma foto, uma ilustração, uma charge, um infográfico ou outros textos visuais ou verbo-visuais jornalísticos (CARVALHO, 2021, p. 237).

A legenda “militantes sem-terra protestam em frente ao escritório da Presidência da República, na avenida Paulista, em São Paulo” apresentada no interior do Jornal, na edição do dia 13 de março de 2015, véspera de ato a favor do governo Dilma, na única fotografia que compõe visualmente a matéria, descreve sucintamente o que os manifestantes estavam fazendo naquele momento. Como a fotografia aparece em um plano fechado, não podendo assim, identificar o local onde as pessoas se concentravam, a legenda, se conectou à imagem, sendo essa, uma de suas funções no projeto editorial e gráfico do Jornal, indicando o ambiente que o grupo se encontrava.

Na edição do dia 14 de março de 2015, dia posterior às manifestações a favor de Dilma, o Jornal trouxe ainda, imagens em plano fechado, com legendas que estabeleceram sua função de conectar a narrativa, porém continuou a sintetizar a voz do povo nas páginas dos jornais, enquadrando os manifestantes contra o *impeachment*, como antagonistas da ação. “Manifestantes incluem as reformas política e agrária, programas pró-moradia e manutenção de benefícios trabalhistas entre as reivindicações da marcha na rua da Consolação, em SP”.

Já nas legendas trazidas nas coberturas anti-Dilma, umas das caracterizações que o Jornal adotou para fazer referências aos manifestantes a favor do *impeachment*, contou com textos mais explicativos, engrandecendo sempre o evento, como exemplo, a legenda capa da edição que traz a cobertura das manifestações a favor do impedimento de Dilma. “Imagem aérea da avenida Paulista às 16h; Datafolha contou 500 mil manifestantes no ato Anti-Dilma ao longo da tarde”.

Um fato que chama a atenção e que foi pauta para muitas discussões relaciona-se às cores verde e amarelo, que fazem parte da bandeira do Brasil e que passaram, desde então, a

ser sinônimos de afeição a uma ideologia política de direita. Uma das legendas da cobertura de um dia após as manifestações contra o governo Dilma, descreve que a maquiagem verde e amarela foi vista frequentemente no ato. As cores tornaram-se símbolo dos protestos favoráveis ao *impeachment*, usadas não só nas ruas, mas também como cores primárias no que tange aos recursos visuais do Jornal, nas coberturas a favor do *impeachment*. Enquanto a cor vermelha passou a caracterizar as manifestações contrárias à saída de Dilma do governo.

Diante das análises das narrativas visuais apresentadas pelo Jornal, acredita-se que esses recursos contribuíram para que os leitores da *Folha* acreditassem que todos os atos são resultado de uma crise geral, produzida pelas ações tomadas por Dilma Rousseff enquanto presidente.

De acordo com as análises realizadas das coberturas das manifestações favoráveis ou não ao governo petistas, julga-se necessário fazer, de uma forma geral, a discussão de todos os resultados obtidos com o estudo feito sobre as capas, fontes, títulos e elementos visuais.

3.2. Discussão dos resultados

As descobertas apontadas diante da análise realizada das capas, títulos internos e externos, bem como as fontes e elementos visuais, das coberturas das duas manifestações escolhidas como objeto dessa pesquisa, direcionam para uma tentativa da *Folha de S. Paulo* em enquadrar as situações nas quais Dilma Rousseff tinha menos articulação defensiva.

Os quadros e discussões apresentados nos itens anteriores, direcionaram para uma leitura negativa das manifestações que eram favoráveis à Dilma. É possível observar que os enquadramentos dos títulos das capas e do interior do Jornal, seguem com a mesma valência. Todo enquadramento utilizado pelo Jornal ao longo da cobertura das manifestações selecionadas, permitiu que o governo de Dilma, bem como o Partido dos Trabalhadores (PT), direta ou indiretamente, fossem desestruturados perante o público consumidor das notícias veiculadas pela *Folha*.

As notícias analisadas, quando tratavam sobre o Golpe, eram apresentadas de forma tendenciosas, com angulações diferentes, fazendo um caminho inverso ao noticiar os acontecimentos das manifestações. As manchetes e imagens refletiam também o posicionamento da *Folha* acerca do *impeachment*.

Segundo Souza (2016a), a imprensa possui um imenso e decisivo poder na sociedade midiática. A maneira como a informação é absorvida e repassada por esses veículos pode causar uma inexistência de pluralidade de perspectiva e de opinião, sendo essa uma ação fatal para a democracia.

Uma imprensa parcial e comprada é, portanto, decisiva para a qualidade da democracia em uma sociedade moderna. Ela tem o poder de distorcer sistematicamente a percepção dos problemas sociais, e de, em circunstâncias favoráveis, pautar o que deve ser discutido e como deve ser discutido (SOUZA, 2016a, p.114).

Diante do que foi analisado, acredita-se que a cobertura das manifestações no contexto do *impeachment* de 2016, realizada de uma forma desequilibrada pela *Folha*, contribuiu para a deslegitimação do governo Dilma. Por meio das notícias publicadas, o Jornal reforça a imagem de um governo que perdeu a capacidade de governar, além de enfatizar a presença da corrupção no meio do Partido dos Trabalhadores. Além disso, a imagem de Dilma Rousseff foi noticiada sob a perspectiva de uma presidenta que não tem governabilidade, além de não possuir competência política para governar o Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da análise, todo o *corpus* dessa pesquisa sugere uma cobertura desigual das manifestações contra e *pró-impeachment* de Dilma Rousseff, ocorridas no mês de março de 2015 e no mês de março de 2016. Este estudo buscou mostrar o enquadramento e o comparativo que esses dois eventos receberam da *Folha de S. Paulo*. Tendo em vista que o papel do jornal, assim como o de outros meios de comunicação, é dar visibilidade, noticiar com imparcialidade, percebeu-se um olhar que buscou redundar uma instabilidade política e social, que promoveu tensões em torno das representações sobre a democracia e a soberania do voto no país. A Política é uma ação de interesse público, na qual todas as tomadas de decisões realizadas pelos representantes eleitos por todos nós, influenciam diretamente no nosso cotidiano e, dessa forma, o tema é tão necessário para o jornalismo.

A conjuntura social e política brasileira se modificou muito, principalmente, depois de 2013, após as “Jornadas de Junho”, que ocasionaram uma mudança no pensamento e no ideário social. O PT, desde a época do chamado “Mensalão”, já recebia uma cobertura negativa da imprensa, comparando-se com o que foi veiculado sobre partidos de direita (ALVES et. al., 2018). A operação Lava Jato, também foi um forte agente para deslegitimação do governo petista.

As “Jornadas de junho de 2013” foram um acontecimento público para brasileiros e brasileiras, no sentido de ir às ruas para reivindicar pelos direitos, se posicionar contra ou a favor das ações realizadas pelos políticos. E esse cenário foi repetido em 2015 e 2016, porém, uns lutavam a favor da democracia, outros queriam a saída de Dilma do governo. Esses eventos acabam por estar interligados e surtiram grandes consequências para o Brasil, vividas até hoje.

No que se refere às manifestações *pró-impeachment*, conclui-se que, a partir da análise e do *corpus* levantado, esse episódio recebeu uma ampla cobertura da *Folha de S. Paulo*, impulsionando um consenso em torno do discurso anti-Dilma, assim como o Partido dos Trabalhadores. Dilma foi fortemente criticada em matérias e coberturas desfavoráveis ao seu governo; ela também foi alvo de manifestações que ultrapassaram a crítica e assumiram, muitas vezes, o discurso de ódio.

As manifestações de rua estão dentro de um contexto social complexo e têm como pano de fundo, as disputas pelo poder político e o exercício da democracia. Elas são consideradas como um elemento importante no processo que culminou na destituição ilegítima de Dilma, como se sabe hoje. As manifestações, sejam favoráveis ou contrárias à saída da presidenta do

poder, tiveram um papel significativo no jogo de forças políticas e serviram de objeto para a defesa de argumentos dos atores políticos envolvidos no processo.

Os protestos a favor de Dilma, a partir da ótica midiática da *Folha*, tiveram uma grande desconstrução, disparidade e desequilíbrio ao serem noticiados. Os atos contra o *impeachment* foram retratados de forma generalizada como protestos em defesa do governo Dilma com “manifestantes petistas”. Diante do que foi constatado, percebe-se uma posição política que o Jornal preferiu seguir, afirmativa que é evidenciada nas reportagens analisadas, quando se faz um comparativo entre a abordagem do conteúdo em relação a manifestações pró-*impeachment* e manifestações contra o *impeachment*.

No que se refere aos enquadramentos e valências analisados a partir dos conteúdos selecionados sobre as manifestações de rua, nota-se uma tentativa da *Folha* de enquadrar as situações em que Dilma possuía menos força e menos articulação de defesa. Prova disso são as valências definidas na maior parte dos casos como negativa. Muitos autores, como Mauro Porto (2001), definem que a metodologia do enquadramento noticioso tem o poder de analisar discussões sobre diversos assuntos, observando como estas possuem um importante efeito no modo como a audiência interpreta esses problemas.

Outros autores e pesquisadores citados ao longo do estudo, como Souza (2016a) e Miguel (2016b), apontam para uma cobertura das manifestações contra o Golpe, expressa de forma desequilibrada e tendenciosa pelo jornal, enquadrando-as como representações dos anseios da população brasileira. “As manifestações contra Dilma foram praticamente patrocinadas pelos principais veículos de comunicação, anunciados à exaustão e merecendo cobertura ao vivo. Já aquelas a favor da presidente receberam tratamento muito diferente” (MIGUEL, 2016b, p. 110).

Diante da análise realizada das capas, matérias, fotos, legendas, fontes e outros aspectos, assim como estudos sobre o papel da mídia em divulgar as ações, além de pesquisar sobre movimentos e manifestações sociais, esse estudo permitiu mostrar uma cobertura por parte da *Folha*, que desqualifica os protestos contra o *impeachment* e minimiza as pautas trazidas pelos manifestantes que defendiam o governo Dilma. O embate político ignorou as mobilizações das ruas, concentrando-se, na maioria dos casos apresentados, nos problemas políticos vividos por Dilma e seu partido. O conteúdo publicado pela *Folha* dos dois atos, comparativamente, apresentou uma discrepância de cobertura de uma manifestação para outra. As imagens, textos, manchetes sentenciaram Dilma e o PT, perante o leitor, antes mesmo do fim do processo de *impeachment*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Giovanni et. al. (org.). **Enciclopédia do golpe – Vol. 2: o papel da mídia**. Bauru: Canal 6, 2018.

AZEVEDO, Fernando. **A Grande Imprensa Brasileira: Paralelismo Político e Antipetismo (1989-2014)**. 2016. Tese apresentada para obtenção do cargo de Titular na Universidade Federal de São Carlos, UFSCAR, São Carlos. Disponível em: http://www.ponte.ufpr.br/wp-content/uploads/2016/maiores/TESE_AZEVEDO_TITULAR.pdf Acesso em: 12 mar. 2022.

BARBOSA, Bia; MARTINS, Helena. Os atos pró-democracia e a narrativa do golpe na grande mídia. **CartaCapital**, online, 21 mar. 2016. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/intervozes/os-atos-pro-democracia-e-a-narrativa-do-golpe-na-grande-midia/>. Acesso em: 28 fev. 2022

BARROSO, Ricardo Cavalcante. Regulação da mídia, opressão e democracia: aproximações com experiência Argentina. **Revista da AGU**, Brasília/DF, v.15, n. 2, p. 101-114, out/dez., 2015. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/517700/001055729.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2022.

BENTES, Ivana. Mídia brasileira construiu narrativa novelizada do *impeachment*. **The Intercept Brasil**, 2016. Disponível em: <https://theintercept.com/2016/09/01/midia-brasileira-construiu-narrativa-novelizada-do-impeachment/>. Acesso em: 15 mar 2022.

BOBBIO, Norberto. **O futuro da democracia: uma defesa das regras do jogo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. Disponível em: <http://www.libertarianismo.org/livros/nbofdd.pdf>. Acesso em: 30 out. 2021.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CARDOSO, Laís Cristine Ferreira. **Do “Fora Dilma” ao “Não vai ter golpe”**: análise da cobertura do *Jornal do Comercio* sobre as manifestações pró e contra o *impeachment* de Dilma Rousseff em 2016. 2017. Dissertação [Mestrado] - Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco, Recife. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/27537> Acesso em: 10 mar. 2022.

CARVALHO, André. Legenda. In: ZAMIN, Angela; SCHWAAB, Reges (org.). **Tópicos em jornalismo**. Redação e reportagem. Florianópolis: Insular, 2021. p.237-246.

CASTELLS, Manuel. **O poder da Identidade**. Vol. 2, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2001.

CEI, Vitor. Cultura e política, 2013-2016: os incitadores da turba. In: CEI, Vitor; DANNER, Leno; OLIVEIRA, Marcus Vinicius Xavier de; BORGES, David G. (org.). **O que resta das jornadas de junho**. Porto Alegre: Editora Fi, 2017, p. 205-224.

CHAUÍ, Marilena. **Simulacro e poder: uma análise da mídia**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.

COIMBRA, Mayra Regina. **A disputa de sentidos sobre a imagem de Dilma Rousseff: As estratégias de construção de imagem da ex-presidente versus o enquadramento noticioso da *Folha de S. Paulo* no período do *impeachment***. 2018, Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Comunicação. Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/6950> Acesso em: 10 mar. 2022.

COSTA, Marcos Roberto M. O corpo do manifestante das Jornadas de Junho de 2013: a charge e o editorial da Folha de São Paulo. **Galáxia** (São Paulo. Online), v. 33, p. 158-170, 2016.

DIAS, André Bonsanto. **O presente da memória: usos do passado e as reconstruções de identidade da Folha de S. Paulo entre o “golpe de 1964” e a “ditabranda”**. Jundiaí: Paco Editorial, 2014.

FOLHA DE S. PAULO. **MANUAL DA REDAÇÃO**: As normas de escrita e conduta do principal jornal do país. Barueri: Publifolha, 2021.

FOLHA DE S. PAULO. 13/03/2016. Edição 14/03/2016. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=20529&anchor=6018187&origem=busca&originalURL>. Acesso em 02 jul. 2021.

FOLHA DE S. PAULO. 13/03/2015. Edição 14/03/2015. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=20163&anchor=5983672&origem=busca&originalURL>. Acesso em 02 jul. 2021.

FOLHA DE S. PAULO. Disponível em: <https://temas.folha.uol.com.br/folha-projeto-editorial/manual-de-redacao-conduta/relacao-com-fontes.shtml>. Acesso em: 03 jul 2022

GOFFMAN, E. **Frame analysis: an essay on the organization of experience**. Boston: Northeastern University Press, 1986.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais e redes de mobilização civis no Brasil contemporâneo**. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

GOHN, Maria da Glória. **Sociologia dos movimentos sociais**. São Paulo: Cortez, 2013.

GOHN, Maria da Glória. **Protestos nas Ruas de São Paulo: de Junho de 2013 ao Pós *Impeachment* de 2016 - correntes e contracorrentes**, 2017. Disponível em: <http://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/41-encontro-anual-da-anpocs/gt-30/gt34-8/10922-protestos-nas-ruas-de-sao-paulo-de-junho-de-2013-ao-pos-impeachment-de-2016-correntes-e-contracorrentes/file>. Acesso em 14 fev. 2022.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2008.

LIMA, Venício. **Sete teses sobre mídia e política no Brasil**. São Paulo: Revista USP, n.61, 2004.

LEAL, Tatiana Cavalcanti de A. **Folha de São Paulo, pena de morte e justiça: o que trazem os editoriais, jornalistas, convidados e leitores?**. 2017. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Psicologia Social da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/12166?locale=pt_BR
Acesso em: 12 mar. 2022.

LOPES, Mauro. As quatro famílias que decidiram derrubar um governo democrático. In: JINKINGS, Ivana; DORIA, Kim; CLETO, Mutilo (org.). **Por que gritamos golpe?** Para entender o *impeachment* e a crise política no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2016. p.119-125.

LOWY, Michael. Da tragédia à farsa: o golpe de 2016 no Brasil. In: JINKINGS, Ivana; DORIA, Kim; CLETO, Mutilo (org.). **Por que gritamos golpe?** Para entender o *impeachment* e a crise política no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2016.p.61-67.

MARQUES, Francisco P. J. A.; MONT'ALVERNE, Camila; MITOZO, Isabele B. A empresa jornalística como ator político: Um estudo quanti-qualitativo sobre o *impeachment* de Dilma Rousseff nos editoriais de Folha e Estadão. **OBSERVATÓRIO (OBS*)**, v. 12, p. 224-245, 2018.

MIGUEL, Luis Felipe. A democracia na encruzilhada. In: JINKINGS, Ivana; DORIA, Kim; CLETO, Mutilo (org.). **Por que gritamos golpe?** Para entender o *impeachment* e a crise política no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2016a. p. 31-37.

MIGUEL, Luis Felipe. Quatro poderes e um golpe. In: FREIXO, Adriano; RODRIGUES, Thiago (org.). **2016: o ano do Golpe**. Rio de Janeiro, Oficina Raquel, 2016b. p. 109-131.

MIGUEL, Luis Felipe. Os meios de comunicação e a prática política. In: **Lua Nova**. São Paulo: n.55-56, 2002.

MOREIRA, Talita Lucarelli. **Os Ecos das Manifestações de Junho de 2013 na Cobertura da Folha de S. Paulo e no Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral de TV nas Eleições de 2014**. 2016. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Comunicação. Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/1276> Acesso em: 09 mar. 2022.

MOTA, Carlos Guilherme; CAPELATO, Maria Helena. **História da Folha de S. Paulo: 1921-1981**. São Paulo: Impress, 1980.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Enquadramentos lúdico-dramáticos no jornalismo: mapas culturais para enquadrar narrativamente os conflitos políticos. In MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. (org.). **Mídia, representação e democracia**. São Paulo: Editora Hucitec, 2010.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Imprensa e poder**. Brasília: Editora UnB, 2002.

MOUILLAUD, Maurice. A crítica do acontecimento ou o fato em questão. In: PORTO, Sérgio Daurell (org). **O jornal da forma ao sentido**. Brasília: Editora UnB, 2002. p.49-83.

PERSEU, Abramo. **Padrões de manipulação na grande imprensa**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2016.

PORTAL G1. Disponível em: <http://especiais.g1.globo.com/politica/mapa-manifestacoes-no-brasil/todos/>. Acesso em 04 ago. 2021.

- PORTO, Mauro. Enquadramentos da mídia e política. In: RUBIM, Antônio Albino (org.). **Comunicação e Política: conceitos e abordagens**. Salvador: EdUFBA, 2004.
- PORTO, Mauro P. A Mídia brasileira e a eleição presidencial de 2000 nos EUA: a cobertura do jornal Folha de S. Paulo, **Cadernos do CEAM**, Ano II, n. 6, 2001, p. 11-32.
- REGINATO, Gisele Dotto. **As finalidades do jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2019.
- REVISTA DE GESTÃO DO UNILASALLE. Disponível em: <https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/desenvolve/article/view/4664/pdf>. Acesso em 07 jun. 2022.
- RIZZOTTO, Carla Candida. **Constituição histórica do poder na mídia no Brasil: o surgimento do quarto poder**. In: Rev. Estud. Comun. Curitiba, v. 13, n. 31, p. 111-120, maio/ago. 2012.
- SÁDABA, T. **Framing: El encuadre de las noticias**. Buenos Aires: Editora La Crujía, 2007.
- SANTANA, Cassio Santos. **A política como jogo: o enquadramento de imagens no impeachment de Dilma Rousseff no jornal Folha de São Paulo**. 2018, Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- SOUZA, Jessé de. **A radiografia do golpe: entenda como e por que você foi enganado**. Leya, 2016a.
- SOUZA, Cláudio Andre. Antipetismo e ciclos de protestos no brasil: uma análise das manifestações ocorridas em 2015. **Em Debate**, Belo Horizonte, v. 8, n. 3, p. 35 – 51, maio 2016b.
- TATAGIBA, Luciana. **Entre as ruas e as instituições: os protestos e o impeachment de Dilma Rousseff**. São Paulo: Lusotopie, 2018.
- TELLES, Helcimara. A Direita Vai às Ruas: o antipetismo, a corrupção e democracia nos protesto antigoverno. **Ponto e Vírgula - PUC SP - No. 19 - Primeiro Semestre de 2016 - p. 97-125**.
- TELLES, Helcimara. Corrupção, legitimidade democrática e protestos: o boom da direita na política nacional? **Revista Interesse Nacional**, São Paulo, Ano 8, n. 30, p. 70 – 97, jul./set, 2015a.
- TELLES, Helcimara. Corrupção, antipetismo e nova direita: elementos da crise político-institucional. **Revista GVExecutivo**, São Paulo, v.14, n.2, p. 30 – 57, jul./dez, 2015b.
- THOMPSON, John. B. **A Mídia e a Modernidade**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- TUCHMAN, Gaye. **Making News**, New York: The Free Press, 1978.
- VOLANIN, Leopoldo. **Poder e mídia: a criminalização dos movimentos sociais no Brasil nas últimas trinta décadas**. In.: O professor PDE e os desafios da escola pública paranaense. v.1. 2007. Disponível em:

http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2007_unicentro_hist_artigo_leopoldo_volantin.pdf. Acesso em: 30 out. 2021.

ZANETTI, Daniela. O campo da comunicação no Brasil e o papel da mídia no golpe de 2016. In: GALVÃO, Ana Carolina, Z AidAN, Junia Claudia Santana de Mattos e SALGUEIRO, Wilberth. **Foi Golpe**: o Brasil de 2016 em análise. Campinas, SP: Pontes, 2019. p.183-211.